



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

SHEILA PRAXEDES PEREIRA CAMPOS

**ENTRE O REAL, O FICCIONAL E O POÉTICO:
DE COMO THEODOR KOCH-GRÜNBERG NARROU A AMAZÔNIA**

**BOA VISTA/RR
2012**

SHEILA PRAXEDES PEREIRA CAMPOS

**ENTRE O REAL, O FICCIONAL E O POÉTICO:
DE COMO THEODOR KOCH-GRÜNBERG NARROU A AMAZÔNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR, Mestrado em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do professor Dr. Roberto Mibielli.

**BOA VISTA/RR
2012**

SHEILA PRAXEDES PEREIRA CAMPOS

**ENTRE O REAL, O FICCIONAL E O POÉTICO:
DE COMO THEODOR KOCH-GRÜNBERG NARROU A AMAZÔNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR, Mestrado em Letras, para obtenção do título de Mestre em Letras, defendida em 18 de janeiro de 2013 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Roberto Mibielli
Orientador - UFRR

Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca
Professor – UFF/UERJ

Prof. Dr. Fábio Almeida de Carvalho
Professor - UFRR

Para e por causa de
Tom e Bia,
companheiros eternos de aventuras sem fim...

CRÉDITOS

Senhor Deus, meu TUDO. Quisera eu possuir qualidades extraordinárias para expressar o que sinto. Esta página é, antes de tudo, um atestado eloquente do amor e gratidão que sinto por Ele, pois sem Ele nada do que faço teria sentido. A Ele, por Ele e dEle minha vida e meu louvor sempre!!!

Everton Campos, esposo amado. Um dia, convidou-me para dizer “sim” ao amor e eu aceitei. Não há outro lugar no mundo onde eu deseje estar todos os segundos do meu dia senão ao seu lado. Agradeço nem tanto pela compreensão dos dias e madrugadas sem minha companhia, nem por assumir os cuidados com nossa filha de forma integral, nem pela ajuda imensa nos momentos finais, mas pelo apoio sem medida desde o início, em 9 anos de companhia e compartilhamento de sonhos.

Bianca Campos, princesa linda. Desde que nossos olhos se encontraram pela primeira vez soube com que ela eu viveria a maior aventura de todas – aprender a olhar a vida com outros olhos e saber esperar pacientemente pelo dia em que ela lerá, com seus curiosos *olhinhos*, este texto e muitos outros e entenderá por que sua mãe precisou virar uma “*computazeira*” nos últimos tempos.

Lia e Paulino Pereira, pais maravilhosos. Família “longe dos olhos mas perto do coração”, amados da minha alma que nunca deixam de me estimular e acreditar que sou capaz de seguir sempre. O dicionário define os verbos Ensinar, Educar, Motivar e Estimular – eles os exercem. À sombra de seus ensinamentos descanso hoje.

Roberto Mibielli, orientador amigo. Ainda na graduação, fez-me uma “promessa”. Esta dissertação com nossos nomes irmanados é o cumprimento dela. Apresentou-me ao Theodor Koch-Grünberg e, com sua maneira de ensinar provocante e provocadora, guiou esta viagem com inteligência, paciência e, principalmente, amizade.

José Luís Jobim, mestre imprescindível. Participou da banca de qualificação do projeto, indicou leituras e redirecionou o curso desta viagem com suas valiosas sugestões.

Fábio Almeida de Carvalho, professor marcante. Sua paixão por Koch-Grünberg levou-nos a conversas memoráveis em sala de aula, praças e filas de banco.

PPGL-UFRR, o Programa de Pós-Graduação em Letras. O conhecimento adquirido valeu por tudo. A experiência fará o resto.

Colegas do Mestrado. O pouco tempo de convívio foi suficiente para partilharmos os mesmos sonhos, dividirmos as lutas e esquentarmos os debates.

Shirlei, Sibelle, Paulino, Alberto, Alícia, Sílvia (com a **Ísis** em seu ventre) e **Totó**, família barulhenta. Entre conversas, gritos, histórias, risadas, comidas, memórias, mangas e discussões babélicas, ao redor da mesa e ao cheiro do mar, esta dissertação foi finalizada. Sem eles, esta viagem teria sido certamente realizada, mas não teria sido tão divertida...

“As melodias que os índios tiram desses instrumentos simples são monótonas, mas muito belas e rítmicas. Elas têm algo de indizivelmente triste, essas dissonâncias que se diluem pouco a pouco em harmonias. Pensa-se numa pobre alma que se separa do corpo e desaparece na eternidade. Nessas melodias, reflete-se, por assim dizer, todo o inevitável destino da raça morena”.

(KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 372)

RESUMO

Além do conhecimento histórico, as narrativas de viagem sobre a Amazônia também se configuram como formas de construção imagética da região na medida em que essas narrativas constituem “representações” da realidade observada a partir do olhar subjetivo do estrangeiro, relacionando-se, com frequência, ao imaginário e ao simbólico. O volume I da obra **Vom Roraima Zum Orinoco**, do etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg, é o relato de sua viagem nos anos de 1911 a 1913 à Amazônia. Nesse relato, ele narra e descreve seu encontro com os índios e a exuberante natureza amazônica da região circum-Roraima. É claro que este encontro com o outro não poderia deixar de ser descrito a partir do olhar europeu e, apesar do discurso científico-naturalista, e talvez pela própria força do “novo” lugar, Koch-Grünberg acaba fazendo diversas concessões ao poético, construindo imagens para a Amazônia (ou para o que ele supõe como Amazônia) que revelam a influência dos discursos identitários (e imaginários) sobre/da Amazônia que circulavam na Europa e que resultam numa prática discursiva reveladora do embate entre sua dimensão plural e singular. A partir do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg, este texto busca apontar alguns resquícios dessas imagens captadas pelo viajante alemão, enfatizando as diversas formas pelas quais ele narra uma Amazônia sob a perspectiva do real, do ficcional e do poético.

Palavras-chave:

Koch-Grünberg. Narrativa de Viagem. Amazônia. Real. Ficcional. Poético.

ABSTRACT

Above the historical knowledge, the travel narratives about Amazon also stand as imagetic forms of construction of the region in so far as these narratives are “representations” of reality seen from the subjective standpoint of foreign, relating frequently the imaginary and the symbolic. The first volume of work **Vom Roraima Zum Orinoco**, the German ethnographer Theodor Koch-Grünberg, is the description of his journey in the years 1911 to 1913 in the Amazon. In this report, he narrates and describes his meeting with the Indians and exuberant Amazonian nature of the circum-Roraima region. Of course this meeting with the other it could not be described from European look and, despite the scientific discourse-naturalist, and perhaps by the very force of the “new” place, Koch-Grünberg ends up doing several concessions to the poetic, constructing images to Amazon (or what he supposes as Amazon) that reveal the influence of discourses of identity (and imaginary) over/of the Amazon that circulated in Europe and revealing discursive practice that result in the conflict between plural and singular dimension. Starting from the indicting paradigm proposed by Carlo Ginzburg, this paper searches to identify some vestiges of these images captured by the German traveler, emphasizing the various ways in which he recounts an Amazon from the viewpoint on the real, fictional and poetic.

Keywords:

Koch-Grünberg. Travel Narrative. Amazon. Real. Fictional. Poetic.

DO ROTEIRO DA VIAGEM

DO INÍCIO DA VIAGEM	10
1 SOBRE OS LIMITES DO REAL: A VIAGEM, O VIAJANTE, O RELATO E UM HISTORIADOR	15
1.1 Da viagem e do viajante: o alemão Theodor Koch-Grünberg na Amazônia	17
1.2 Do Roraima ao Orinoco: o diário de um viajante	24
1.3 Do historiador: de como Carlo Ginzburg entra nesta história	35
2 ONDE SE DISCUTE O FICCIONAL NO DIÁRIO DE KOCH- GRÜNBERG: DA NARRAÇÃO DA NATUREZA À NATUREZA DA NARRAÇÃO	40
2.1 De Theodor Koch-Grünberg, o narrador da Amazônia	44
2.2 Do espaço e tempo na descrição da natureza e do índio	53
2.3 Dos encontros reais ou imaginados com o Outro	57
3 NO QUAL SE FALA DA “ANGUSTIANTE TRISTEZA” DAS SAVANAS E OUTROS INDÍCIOS POÉTICOS ENCONTRADOS NO DIÁRIO	64
3.1 Dos rastros poéticos no relato de Koch-Grünberg	67
3.2 De alguns indícios do imaginário na formação da identidade nacional ..	73
3.3 Da apropriação e recriação do simbólico nos discursos sobre a Amazônia	80
DO ‘FIM’ DA VIAGEM	85
DAS FONTES CONSULTADAS	90

DO INÍCIO DA VIAGEM

Viajar é sempre bom. Conhecer novos lugares, melhor ainda. Mas narrar e descrever o que se vê, ouve e sente nem sempre é uma tarefa fácil, considerando que tais ações passam sempre por processos que envolvem a subjetividade, dado interessante que interfere na descrição e narração do visto, ouvido e sentido, alterando de forma substancial o relato que daí deriva.

Isso ocorre por diversos fatores, entre eles a alteridade, posto que o encontro com o Outro, o Diferente, provoque o surgimento de zonas de contato a partir das quais o relato produzido não poderia ser outro senão um recheado de ficcionalidade, mesmo que real, dentro dos limites do que se pode denominar de “real”...

Com o etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), viajante que nos interessa neste trabalho, não poderia ser diferente. Seu contato com os índios da Amazônia e costumes e línguas tão diversas transformou-se em uma rica fonte de estudos e pesquisas bem aos moldes das viagens científicas que fizeram do Brasil uma das rotas preferidas por pesquisadores e viajantes durante os séculos XVIII e XIX.

Em um período distinto, já no século XX, esse viajante veio ao Brasil e, com um olhar desejadamente científico, narrou “suas aventuras” sobre o país e a região visitados de forma observadora, minuciosa e privilegiada no volume I de sua obra, composta de 5 volumes, denominada **Do Roraima ao Orinoco** – Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913.

Evidente que tal narrativa encerra discursos que devem ser interpretados à luz do contexto e circunstância em que foi produzida. Destacam-se especialmente algumas imagens que marcam a concepção desse viajante que, a seu modo, também participa da construção da identidade nacional, apontando as diversas formas como os brasileiros se veem e compreendem o lugar onde vivem.

Mesmo envolto em um contexto diferente e depositário de outra mentalidade, Koch-Grünberg estabeleceu concepções sobre o espaço visitado, construindo um sentido para aquilo que viu e ouviu. Embora distanciado temporalmente de outros viajantes, tal como eles forjou seu trajeto e erigiu uma percepção, um olhar sobre o espaço e o índio amazônico com ideias, imagens e representações que ainda hoje repercutem, circunscrevendo os conceitos de identidade e cultura em torno de temas

e tratamentos referentes a figuras emblemáticas “caracterizadoras” do “ser amazônida”.

Seja como for, resquícios dessas imagens podem ser encontradas em seu diário, o volume I **Do Roraima ao Orinoco**, cuja construção é por ele operada, em muitas ocasiões, de forma poética, talvez influenciado pela beleza e imensidão das savanas, assim por ele descritas:

Esses campos imensos, uniformes e monótonos, que parecem não ter fim, despertam no homem a sensação de uma enorme tristeza e abandono e lembram-no tão bem de quão pequeno, quão insignificante ele é em comparação com a imensa natureza. E, no entanto, eles têm seu encanto, sua beleza, apesar de, ou, talvez, justamente por causa de sua angustiante tristeza. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 48).

É em busca de imagens poéticas como esta que este texto se constrói, investigando como um viajante que se nutre do real para sua criação narrativa é capaz de se apropriar do poético para dar mais atratividade e compreensão ao seu relato. Há pontos confluentes entre o real e o poético? É possível essa fusão para a construção da narrativa de viagem de Koch-Grünberg? Como ele narra a Amazônia e em sua posição de narrador marcada por horizontes mentais contextuais constrói um discurso sobre o lugar, sobre o outro e sobre ele perante o outro? Essas inquietações são pontos de partida para uma discussão sobre aproximações e apropriações dos recursos da arte literária pela literatura de viagem.

Ainda, este texto discute os caminhos percorridos pelo discurso oriundo de um imaginário sobre/da Amazônia presente na narrativa do alemão, tentando encontrar indícios dos elementos provenientes do imaginário sobre a região e que repercutiram na formação de uma identidade nacional. Nesse caminho, observa como o viajante constrói a imagem do índio e como ele se constrói perante o indígena e a natureza amazônica, fazendo uso, para isso, de uma linguagem não científica, ou mesmo “poética”, dentro dos limites do texto traduzido.

O trajeto desta viagem inclui três rotas: o Real, o Ficcional e o Poético, entrelaçando teoria, metodologia e análise em todas as três. Assim, a primeira rota a ser percorrida no trajeto desta dissertação encontra-se no primeiro capítulo, em que os limites do real são abordados sob a perspectiva da viagem, do viajante, do relato de viagem e de um historiador. Para isso, toma-se como ponto de partida e chegada a própria viagem de Theodor Koch-Grünberg, procurando entender como ele, o

viajante, constrói seu relato. Em seguida, trata-se da questão metodológica para que tal entendimento e análise se efetivem, e é nesse ponto da viagem que entra em cena o historiador Carlo Ginzburg e seu paradigma indiciário, ajudando-nos a referenciar teoricamente nossa busca por resquícios poéticos e do imaginário no diário do nosso viajante.

A segunda rota, expressa no segundo capítulo, discute como o ficcional se apresenta na construção do diário de Koch-Grünberg. É buscando entender essa construção que se traçam algumas possíveis considerações sobre o narrador e a narrativa e de como a natureza, o índio e o outro são descritos e narrados tendo o princípio da alteridade como determinante nessa narração. Nesse percurso, o processo de narratividade e de construção da narrativa do etnógrafo alemão são abordados à luz das ideias de Walter Benjamin (1994), Tzvetan Todorov (1999; 2006), Mary Louise Pratt (1999), Flora Süssekind (1990), entre outros.

A terceira e última rota a ser explorada nesta viagem é registrada no capítulo 3, buscando na linguagem poética utilizada pelo narrador Koch-Grünberg alguns vestígios de elementos oriundos do imaginário, dos mitos e do simbólico. Essa busca indiciária tem como pressuposto a ideia de que o nosso viajante, responsável pela concretização “científica” do gigantesco e ambicioso projeto da etnografia alemã, em contato com a natureza e o homem da Amazônia, não escapou de interpretar subjetivamente esse contato e as sensações provocadas por ele, assemelhando-se, de certa maneira, aos primeiros viajantes pela região amazônica (na verdade, ao viajante de qualquer época e em qualquer lugar!).

A partir do conhecimento do roteiro da viagem empreendida por esta dissertação, é possível perceber que não é nossa pretensão discutir ou apresentar ideias que finalizem o assunto abordado, mas permitir que se reflita (de forma ensaística, talvez) sobre como um viajante, no início do século XX, “narra” sua viagem científica, embora já marcado por viagens anteriores (ele já conhecia o Brasil e a Amazônia) e imbuído de materializar um projeto científico de coleta e catalogação de objetos da cultura material (como instrumentos musicais) e imaterial (como os registros linguísticos) entre a população indígena habitante da região circum-Roraima.

Para melhor compreensão dos trajetos a serem percorridos nas três rotas, alguns esclarecimentos se fazem necessários. Tendo em vista a impossibilidade da leitura em alemão, o primeiro esclarecimento é que neste trabalho se faz uso da

edição publicada pela Editora Unesp e o Instituto Martius-Staden, em 2006, e traduzido por Cristina Camargo Alberts-Franco do original alemão **Vom Roroima zum Orinoco**, com 1ª edição publicada em 1917 e já de domínio público.

Como uma das tarefas deste trabalho é a identificação de indícios poéticos na linguagem do viajante (já com as devidas adequações da tradução), cumpre transcrever aqui a nota da tradutora à edição brasileira, cuja tradução do volume I “procurou manter as principais características do texto de partida: o estilo muitas vezes paratático, o rigor dos dados científicos, as observações frequentemente bem-humoradas do autor e várias expressões coloquiais dispersas pelo texto” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 21).

Outro esclarecimento é quanto ao uso das expressões *narrativa de viagem* e *relato de viagem* como sinônimos, e desde já é mister observar a que tipo de narrativa se faz referência. Recorrendo à teoria literária, Jonathan Culler (1999) trata a narrativa como um enredo que manifesta e busca uma transformação. Por sua vez, Walter Benjamin (1994) destaca que enquanto a informação apenas expõe os fatos de forma superficial e é transitória, a narrativa, por ter a experiência como alicerce, é duradoura, sendo capaz, por isso, de produzir sentido.

Sob esta perspectiva, narrar é arquitetar uma realidade cuja atribuição de significados e de sentidos (socialmente compartilhados), além de contribuir para que o público leitor tenha informação, elabore situações que afetem e provoquem esse público. E é esta narrativa capaz de transformar (segundo Culler) e de produzir sentido (segundo Benjamin) a que este texto se refere.

Em seu diário de viagem, com todos os elementos caracterizadores do gênero, Theodor Koch-Grünberg ambientaliza, descreve, dá tons e nuances, cores e matizes, trazendo o leitor (principalmente o europeu) para seu texto como se ele estivesse ali, vivenciando o que contava, numa tentativa, talvez, de suprir as dificuldades encontradas na captação e revelação dos registros fotográficos e fonográficos.

Para tanto, buscando enriquecer a narrativa, faz uso de diversos recursos discursivos como metáforas, prosopopeias, metonímias, pleonasmos, diálogos diretos e indiretos, descrições, imersão no cenário descrito, histórias de vida, de situações e de lugares. O fato é que o uso desses recursos dá mais vida à realidade descrita ao trazer cheiros, cores e subjetividade à narrativa.

Enfim, este texto é sobre uma viagem e um viajante. É sobre um lugar e o olhar desse viajante sobre esse lugar. É sobre o diário de uma viagem em que o viajante encontra o outro, o diferente. É sobre imagens reais e imagens poéticas construídas a partir desse encontro e desse olhar.

Ao início da viagem, então...

1 SOBRE OS LIMITES DO REAL: A VIAGEM, O VIAJANTE, O RELATO E UM HISTORIADOR

“Quão benéfica seria uma viagem dessas para muitos que, no Velho Mundo, andam por aí de nariz empinado, tão cômicos de sua dignidade!”

(KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 30)

Desde o século XVI, quando o Brasil passou a receber viajantes estrangeiros, de várias maneiras teve muitas vezes sua imagem arquitetada pelos relatos escritos e notícias que circulavam na Europa. Nesse período, a Amazônia se torna o alvo maior de uma intensa movimentação de viajantes estrangeiros em busca de conhecer as riquezas e mistérios da floresta tropical.

As viagens, que inicialmente tinham como objetivo a busca do Eldorado e da Terra das Amazonas, já no século XVIII passam a ter a pesquisa científica como finalidade, tendo o viajante naturalista e seus registros documentais como figuras centrais. No século XIX, auge da ciência e da aplicação do método científico, pautado nos mecanismos da observação e comprovação, é a riqueza de espécimes vegetal e animal e de diversas nações indígenas que atrai os inúmeros pesquisadores europeus ao Brasil.

Deste modo, se nos séculos XV e XVI o encanto da viagem pelo Novo Mundo remetia à descrição do encantado e do maravilhoso, o atrativo da viagem dos séculos XVIII e XIX residia na possibilidade de consolidar uma Ciência Natural em fase de fortalecimento. Por possuir outro estatuto, o discurso do cientista natural se contrapõe (com sua busca escrupulosa da exatidão) ao “exagero” dos primeiros viajantes pela América: é assim que uma expedição naturalista do século XVIII atendia ao desejo de inventariar o mundo, ao lado do desafio de lidar com o improvável e o indescritível.

Além disso, a partir de inícios do século XIX, essas viagens foram facilitadas e intensificadas pela mudança da corte portuguesa para o território brasileiro e pela abertura comercial provocada pela queda do monopólio colonial. Entre os viajantes, comerciantes atraídos pelas possibilidades de lucros com a nova situação do Brasil, além de cientistas e artistas, apoiados pelo próprio rei D. João VI, como relatado por Günther Augustin em **Literatura de Viagem na época de Dom João VI** (2009).

Estes viajantes, naturalistas e artistas, além de retratarem a riqueza da flora e da fauna americanas, estabeleceram relações entre paisagismo, ciências e literatura, concedendo ao Ocidente, à maneira dos viajantes quinhentistas, a

construção de imagens dos territórios visitados, discussão realizada por Neide Gondim em seu livro **A invenção da Amazônia** (2007). Merecedoras de destaque são as descrições que fizeram sobre o conjunto de práticas, ritos, relações de parentesco, costumes, crenças e sociabilidade das populações pobres mestiças, indígenas e negras das várias regiões brasileiras por onde passavam.

Entretanto, esses relatos trazem consigo uma das formas mais incisivas de acarretar a diluição da memória histórica da cultura das classes subalternas. Assim, as crenças e rituais populares encontrados no Brasil eram descritos como algo para ser visto e consumido a fim de divertir, deixando de lado aspectos caracterizadores da devoção coletiva de um povo. Sob a perspectiva do olhar europeu etnocêntrico, essas manifestações eram frequentemente tratadas com menosprezo, desconsiderando sua importância e valor cultural, como denuncia Sérgio Buarque de Holanda em **Visão do Paraíso** (1996).

Movidos por interesses diversos, os viajantes (cronistas ou naturalistas) deixaram suas marcas na região de forma física ou em forma de instauração de discursos, alterando de maneira substancial o modo como a Amazônia passou a ser vista e “construída” a partir dos relatos e diários de cronistas como Pero Vaz de Caminha, Padre Anchieta, Hans Staden, André Thevet e Jean de Léry, e de viajantes como frei Gaspar de Carvajal, Spix e Martius, Alfred Wallace, Henry Bates, Alexandre Rodrigues Ferreira, La Condamine, Henri e Octavie Coudreau.

Embora essas crônicas e diários ainda hoje sirvam como fonte de pesquisa em diversas áreas (servindo inclusive para reinterpretações de intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda), é necessário perceber que eles não são a expressão do real, mas representações¹ construídas com base em elementos ideológicos, conceitos, pré-conceitos, noções, concepções e uma vasta carga cultural capazes de guiar o olhar e as impressões dos viajantes.

Lembramos, nesse ponto, a consideração feita por Lévi-Strauss, em **Tristes Trópicos** (1998), de que a viagem, além de ser um deslocamento no espaço, é

¹ Entendemos ‘representação’ aqui como um processo de construção simbólica, uma espécie de alocação de significados ao mundo das coisas e dos seres, funcionando como uma linguagem carregada de simbologias e significações diversas. Nesse aspecto, como intuito de dar sentido e forma às circunstâncias em que os sujeitos sociais se encontram, as representações são fruto da atividade criadora desses sujeitos, “elaborando” a realidade social em símbolos. Por meio da circulação do discurso, esses símbolos acabam por tornarem-se quase tangíveis, cristalizando-se ou renovando-se no cotidiano. Isso nos possibilita chegar ao grande veio dos relatos de viagem que é a forma de olhar e representar a Amazônia.

ainda no tempo e na hierarquia social. Sob esta perspectiva, é possível assinalar como o discurso do exótico presente nos relatos dos séculos XVII a XIX ainda hoje é perceptível nas visões e interpretações sobre a região amazônica.

O olhar guiado, enviesado, traspassado por outras e diversas construções culturais impõe, assim, limites ao real, que passa a ser constituído por 'representações da realidade', dada a impossibilidade da escrita traduzir com precisão o visto e ouvido. Sobre este processo de tradução do real, Günther Augustin (2009, p. 29) ressalta que "Para não parecer um relato fantástico, é necessário um procedimento de mediação intercultural, já que o olhar costuma constituir o novo a partir do velho, nos termos e nas categorias do velho", e isso desafia o narrador viajante a descrever o novo mundo para o velho mundo com o olhar do velho já marcado pelas experiências do novo.

Nesse aspecto, é preciso pensar o discurso presente na narrativa de Koch-Grünberg como resultado das influências sofridas por ele pela leitura dos relatos de viagem de viajantes que o antecederam (como os irmãos Schomburgk, Von Martius e Coudreau) e que são, em certa medida, fortemente responsáveis por sua formação discursivo-ideológica, como veremos mais adiante.

Esta discussão é ponto de partida para o capítulo que ora se inicia, em que o real encontra seus limites na viagem, no viajante e no relato de viagem que passam a ser teorizados e analisados a partir da expedição de Theodor Koch-Grünberg à Amazônia, entre 1911 e 1913, resultando na publicação da obra **Do Roraima ao Orinoco**, em 1917.

Como tomamos o volume I dessa obra como objeto de estudo, o historiador italiano Carlo Ginzburg (1999) coopera com esta viagem com sua teoria do paradigma indiciário ao nos ajudar a perceber como é possível encontrar resquícios e sinais, no discurso do etnógrafo alemão, de elementos que passam a fazer parte da elaboração de uma imagem do índio, do encontro com o outro e a natureza amazônica, construindo, assim, um novo olhar.

1.1 Da viagem e do viajante: o alemão Theodor Koch-Grünberg na Amazônia

Interessado nos povos indígenas de língua Karib, Theodor Koch-Grünberg (Grünberg-Alemanha, 1872 - Vista Alegre-Roraima, 8/10/1924) veio à Amazônia e,

com um olhar característico de quem está somente de passagem, narrou suas “impressões” sobre o país e a região visitados de forma observadora, minuciosa e privilegiada. De forma afetiva ou etnográfica, suas observações foram registradas em seu diário, fotografias e gravações sonoras, de extrema importância para os estudos antropológicos sobre a região.

Entre 1898 e 1900, participou como etnólogo da segunda Expedição ao Xingú de Hermann Meyer, atingindo o Ronuro, um afluente do Xingu. Em 1903, financiado pelo Museu de Etnologia de Berlim, realizou uma viagem própria ao noroeste do Brasil, ao Amazonas e Rio Negro, alcançando o território do Caiary-Uaupés, passando pelo Apaporis e Japurá e retornando em maio de 1905 a Manaus.

Como resultado destas viagens, realizou observações em grupos que ainda conservavam costumes consuetudinários, registrando ainda quarenta dialetos com a finalidade de, através da língua e da arte, compreender a vida dos índios. Para tanto, participou de festas com danças, rituais e cerimônias fúnebres, objetivando colher informações detalhadas sobre diversos aspectos da cultura material e imaterial, como encontrado na cena a seguir:

Às 8 horas chegamos a uma casa Wapischána redonda com teto cônico sobre uma parede baixa de pau-a-pique. Há muita gente nua aqui. Estão dançando a *parischerá*, ou *parischára*, como os Wapischána dizem, em semicírculo. Em compasso quaternário, balançando os joelhos e batendo com o pé direito no chão, homens, mulheres e crianças andam em círculo sob canto monótono. A festa está terminando. A maioria dos homens está muito embriagada. Alguns senhores velhos roncam em suas redes na cabana à meia-luz. O quadro todo dá uma impressão bem decadente. Oferecem-nos um forte *caxiri* de mandioca, chamado *payuá*. Foi mal coado, e tem-se a constante sensação de estar engolindo um dente que caiu. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 50)

Uma cena como essa, apesar de ser descrita como “decadente”, fornece ricos detalhes sobre os costumes, lendas e mitos indígenas, cujas discussões em torno do Makunaíma/Macunaima foram ampliadas pelo professor Fábio Almeida de Carvalho que assim resume a trajetória de Koch-Grünberg:

É assumindo, pois, a condição de homem e de cientista de seu tempo e de seu lugar, o qual reunia as qualidades de etnólogo, de antropólogo, de filólogo, mas também de historiador, que Koch-Grünberg pode ser definido como um viajante que marcou de forma definitiva o quadro ortodoxo da etnografia roraimense e brasileira no século XX, e que, por extensão, deu uma contribuição importante ao campo da história indígena e de Roraima, bem como ao da arte verbal indígena. Ele coletou um considerável repertório de narrativas, cantos e fórmulas mágicas de raro valor cultural e

artístico, além de uma considerável coleção de objetos e artefatos etnográficos, espalhados pelos museus alemães financiadores, ou não, de sua empresa. (F. CARVALHO, 2012, p. 35)

Desse modo, não obstante os relatos de suas principais expedições (publicados em 1909/1910, 1916, 1917, 1923) reproduzam a filosofia da época na justificativa das suas expedições e na própria publicação das obras, o importante é que seus registros compreendem uma vasta documentação do cotidiano dos povos indígenas que visitou, incluindo, para tanto, registros da língua, mitologia, cantos, danças e rituais xamânicos, além de fotografias, desenhos, vocabulário e letras de músicas.

E é objetivando ampliar sua pesquisa que ele retorna à América do Sul em 1911, dirigindo-se ao Norte do Brasil e à Venezuela, subindo, a partir de Manaus, o Rio Negro e o Rio Branco. Já em Boa Vista, após constatar a problemática situação política local, o viajante descreveu um baile na casa de um dos moradores mais influentes do lugar:

O baile é bastante monótono, como são todos desse tipo. Nada original. Danças européias: valsa, mazurca, quadrilha, como em nosso país. Algumas moças são bem bonitas, de todos os matizes; algumas delas estão usando vestidos sem cintura que lhes caem bem, outras estão meio fora de moda, todas em tons claros e leves; os homens vestem ternos escuros de confecção de Manaus. Orquestra: violão, flauta, gramofone. [...]. O salão de baile é uma espécie de varanda, e os empregados índios ficam olhando por sobre a mureta de adobe. Dança arrastada. Muita poeira. A única visão realmente agradável é oferecida por uma cadela que, durante uma pausa na dança, se põe à vontade no salão para amamentar seu filhote. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 40)

A visão da cadela amamentando seu filhote no meio do salão de baile como única cena capaz de quebrar a monotonia mostra o pouco interesse que o pesquisador tinha pela vida social urbana. E ele confessa: “tenho de admitir, sinto-me muito melhor neste ambiente selvagem do que na caricatural civilização que deixei há pouco” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 49).

Essa confidência feita pelo alemão revela a principal meta de sua viagem: encontrar e estar no meio do “ambiente selvagem”. De certa maneira, pode-se pensar que, para o viajante, a viagem estabelece uma espécie de pausa na vida dele ao ser tirado do seu mundo conhecido e levado a enfrentar o desconhecido, o novo, a diversidade. Com base nessa suposição, sua vida só passa a ser retomada quando ele alcança seu objetivo. De outra forma, também podemos pensar essa

angústia em atingir suas metas como o indício de um desejo do exótico, da necessidade da fuga do lugar comum, da cotidianidade europeizante da província... Não deixa de ser uma possibilidade, além das apresentadas por Paulo Santilli e Nádia Farage na introdução ao volume I de sua obra, entre elas a necessidade de atestar seus pontos de vista de base evolucionista.

De forma mais clara, esta meta está posta em todo o relato de sua viagem: percorrer o trajeto até o Monte Roraima e alcançar o rio Orinoco, na Venezuela. E durante a viagem entre Manaus e Boa Vista, não obstante seus planos sejam discutidos com entusiasmo pelos passageiros na embarcação, talvez pela consciência de se saber estrangeiro, ele percebe que, logicamente, os motivos de sua viagem são questionados e postos em dúvida: “Alguns passageiros não acreditam muito em minha missão até os *Índios bravos* e estão firmemente convencidos de que quero procurar ouro e minérios nas serras inexploradas.” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 30).

Embora deixe escapar, na sequência dessa passagem, uma suposição sobre a existência de “muitos cristais bonitos no Tacutu”, Koch-Grünberg reafirma as intenções de seu empreendimento em diversas passagens de seu diário:

Eu o tranquilizo a esse respeito e lhe explico o objetivo da viagem. Mas parece que não me entende – ou não quer me entender. Não consegue compreender que estejamos viajando por estas regiões selvagens não para procurar ouro ou borracha, mas para fotografar as pessoas e comprar cestos, adornos e outras tralhas. Pelo visto, nunca ouviu falar num *museo*. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 311)

Explicar para um índio suas intenções denota (como ele tenta) demonstrar em suas práticas a ausência de ambição, mostrando, em defesa do estatuto profissional do pesquisador etnógrafo, que sua pesquisa é muito mais séria que a busca do ouro ou borracha, o que exalta a imagem do profissional que ele pretende ser. Isso contribui para a construção de uma imagem romântica do antropólogo como abnegado, como ser cuja única ambição é a conclusão de um trabalho sério, distanciando-o da imagem do caçador de tesouros (como Indiana Jones) presente na literatura romântica (**As aventuras de Alain Quatermain**, por exemplo)...

Em outra passagem, sua preocupação é expressa nas tentativas de conseguir aumentar o acervo de objetos etnográficos, assim como adquirir objetos de qualidade, crítica que faz ao desmazelo com que algumas tribos confeccionavam

seus objetos, alguns visando apenas a venda, além da dificuldade de obtenção em algumas aldeias, como no acampamento Maiakong: “Nada de objetos etnográficos! Se acontecer o mesmo em outras aldeias, ai da coleção!” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 231).

Além disso, chegar ao Orinoco não é tarefa fácil. Nesse percurso, diversos obstáculos são enfrentados, entre eles os impedimentos para chegar ao seu destino final, tendo em vista os problemas de acessibilidade ao local, situação que muito o afligiu quando informado por seus guias índios de que era impossível seguir adiante na trilha em direção ao Orinoco:

Devo descrever aqui meus pensamentos e sentimentos? Passo a noite sem dormir, fico sentado junto ao fogo e às vezes ponho gravetos nele, que se inflama e ilumina as escuras figuras dos índios, deitados em suas redes, conversando a meia-voz. Estou diante de uma questão difícil, cuja resposta é evidente. É preciso uma decisão rápida. [...]. Chamo o velho e lhe explico com toda a calma que reconheço a impossibilidade e que voltarei amanhã. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 330)

Esse sentimento de tristeza (e também depressivo) provocado pela ideia de que não alcançaria seu objetivo final só pode ser traduzido, como todo sentimento, pela via da subjetividade, o que, nesse caso específico, não poderia se dar de outra forma, considerando a gravidade da situação em que o viajante se encontrava, ameaçado de não chegar ao fim de sua viagem.

Pensando como Michel Onfray (2009, p. 50) que a viagem pode ser “uma ocasião para ampliar os cinco sentidos”, é possível deduzir que esse sentimento nostálgico que invade o viajante ocorre porque para ele, como narrador de viagem, importa a percepção e a capacidade de lembrar, e, para Koch-Grünberg, o “lembrar” se concretiza por meio das coleções de objetos etnográficos, dos registros escritos, fonográficos e fotográficos e da catalogação das línguas indígenas – “lembranças” que seriam levadas para Berlim como prova do cumprimento de suas metas.

Durante a viagem, “o contato com a cultura do outro obriga o viajante a tornar-se outro sem deixar de si mesmo, oportunizando a descida ao interior de si-próprio” (BERND, 2007, p. 673). De certa forma ocorre uma inversão do olhar etnográfico capaz de levar o viajante a reinventar o olhar que se encontra distanciado dos espaços que lhe são mais familiares e ajustá-lo a uma nova percepção da rotina do cotidiano, como um simples compartilhar de pente:

Banho, nem pensar. Escovam-se os dentes de manhã, passa-se algumas vezes o restante da água pelo rosto – pronto! A coletivização dos bens é cada vez maior. Alguém pede meu pente emprestado. É claro que empresto. Ele teria feito o mesmo! Até agora não peguei piolhos. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 38)

É claro que compartilhar este objeto no meio de gente sem higiene, segundo os padrões europeus, não poderia resultar em outro caso senão em algo tão caracteristicamente indígena como o primeiro piolho encontrado no cabelo do viajante detectado após uma “coceira suspeita”. O evento leva o alemão a exclamar em seu diário: “Vejam a que ponto nos indianizamos!” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 248).

Esse contato com o mundo exterior e o mundo interior provocado pela viagem tem como resultado experiências e sentimentos oriundos dos diferentes motivos e finalidades que levam o viajante a empreender uma viagem. Sobre isso, Zilá Bernd faz referência ao mito do viajante, apontando Ulisses e Jasão como os dois polos representantes desse mito:

Dois grandes mitos estão associados à deambulação e à viagem: o de Ulisses (Odiseu) e o de Jasão. Se, de um lado, Ulisses simboliza o desejo da volta ao país natal e, por via de conseqüência denota os sentimentos de fidelidade à pátria, apego à família, sobretudo de uma grande nostalgia do passado, isto é, do tempo anterior às longas viagens, Jasão, ao contrário, corresponderia ao desejo da errância e da vagabundagem (BERND, 2007, p. 675).

Se para Ulisses o mais importante é o retorno ao lar depois das longas viagens, para Jasão, a própria viagem, o percurso feito e sua trajetória de viajante são os motivos cardeais de seu empreendimento, ocasião em que é capaz de desenraizar-se, buscando constantemente outros lugares. No mito do viajante representado por Jasão, a ideia de viagem tem o deslocamento como base, cuja partida e chegada não têm peso tão grande como a jornada em si, tendo em vista que as respostas que busca podem ser encontradas nos caminhos percorridos durante a viagem.

Sob esta ótica, o deslocamento e o nomadismo² são as opções de viajantes aos moldes de Jasão, enquanto o desejo de retorno classifica o viajante como

² Ao refletir sobre a antiguidade desse desejo de circulação, mudança e mobilidade, Michel Maffesoli, em **Sobre o nomadismo** (2001), discute a errância (categoria que remete à viagem) como uma “constante antropológica”, caracterizadora de muitos povos, religiões e culturas. Maffesoli define

Ulisses. No caso de Theodor Koch-Grünberg, é possível fazer uma associação entre os dois tipos de viajantes, já que as respostas encontradas em seu deslocamento só fazem sentido com o retorno, isto é, com a exibição dos objetos etnográficos coletados, a catalogação das línguas indígenas registradas e a publicação do diário da viagem, conforme atesta Fábio Carvalho (2012, p. 36):

Agenciada pelo método *Völkerkunde* e, por isso, aferradamente comprometida com o objetivo imediato de compulsar relatos de viagem e de estruturar repositórios de folclore, a empreitada de Koch-Grünberg se consubstanciava enquanto prática etnográfica empenhada na montagem de coleções de artefatos diversos – compósitos de elementos materiais e imateriais, estruturadores e conformadores das culturas estudadas.

Assim é que, cômico da responsabilidade com o retorno, essa preocupação é expressa quando ele tem alguns objetos roubados: “O que foi feito de minha bagagem principal, de minhas anotações e coleções, que confiei a Antônio? Há dias que esse pensamento tem pesado muito sobre mim. Por isso, quero ir embora daqui o mais depressa possível!” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 333). Mais adiante, esse pensamento ainda perturba:

Sempre volto a me perguntar: o que foi feito de minhas coleções e de minhas anotações? Como estará minha valiosa bagagem antes depositada na foz do Yatété? Será que o pessoal que partiu ontem com a canoa vazia a levou e escondeu em algum lugar, para que depois Antonio possa dizer que os Ihuruána roubaram as coisas e, com isso, eximir-se da responsabilidade? Assim, os pensamentos giram em círculos, e só muito depois da meia-noite é que vem o sono libertador. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 343).

Cogitações, pensamentos que giram em círculos, o sono libertador – sensações experimentadas pelo viajante que em sua viagem busca levar a termo seus objetivos profissionais que, a despeito de serem científicos, não ficam imunes de serem executados também sob a via da subjetividade, produto que é de um olhar extremamente particular e único, como todo olhar. Esse olhar, entretanto, é também guiado desde o início pelos motivos, interesses e financiamentos do órgão patrocinador, tendo em vista que Koch-Grünberg goza de amparo institucional para a realização de suas explorações, cujos registros em seu diário de campo são

nomadismo (ou errância) como não permanência, fazendo de qualquer ser humano um viajante sempre em busca de outro lugar. O autor destaca que a retomada da errância como peculiar à pós-modernidade nem sempre tem o sentido de viagem.

importantes instrumentos para compreensão das relações discutidas nesta dissertação.

1.2 Do Roraima ao Orinoco: o diário de um viajante

Um importante componente de um projeto de viagem como o de Theodor Koch-Grünberg é o diário por ele escrito. Não vem ao caso aqui entrar na discussão empreendida por teóricos sobre o pertencimento ou não desta categoria de textos ao seletivo grupo da Literatura, e se um diário de viagem pode ser considerado ou não um texto literário. Destacamos aqui, para efeito teórico, a opinião de Fernando Cristóvão, em **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens**, sobre a classificação da literatura de viagem, vista por ele como um subgênero literário considerando “sua natureza compósita e interdisciplinar de textos cruzados pela Literatura, História e Antropologia” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 16).

Ao analisar diversas concepções sobre a literatura de viagem, esse autor busca encontrar uma definição balizadora para um conjunto de textos muito variados que contemplem os estatutos da literatura, termo este considerado pelo ensaísta em seu sentido lato. Ademais, diferentemente da ficção, na literatura de viagem é o “eu” da experiência pessoal do viajante que serve como fio condutor e se materializa em formas heterogêneas de escrita, entre elas os diários.

Sem desconsiderar as classificações estabelecidas por outros teóricos, cumpre-nos perceber, para a discussão ora estabelecida, que se tratam de textos cujo relato é geralmente conduzido por uma voz narrativa em primeira pessoa e que evoca pessoas (personagens) e lugares (cenário) em sua narração do conjunto dos fatos e das experiências do dia. O emissor de textos assim não se contenta apenas na descrição do que vê, mas explica e analisa fatos, interpreta ações e emite opinião sobre o outro.

Nessa perspectiva, o diário de Koch-Grünberg, como outras narrativas de viagem, insere-se nesse conjunto ao permitir que o leitor (o europeu, principalmente) seja capaz de organizar as construções espaciais e humanas por ele realizadas, materializando, desse modo, por meio da imaginação, o desconhecido. É claro que por depender da imaginação para a “visualização” do lugar e do outro descritos no diário, o viajante-narrador, caso pretenda ater-se a princípios mais científicos, deve

fazer seus registros com apreciações, observações, pormenores, datas e lugares, em busca de ser o mais isento e completo possível, algo um tanto difícil, como percebido no trecho em que durante seu trabalho na descrição da língua Wapixana, resvala em um comentário subjetivo sobre a incapacidade intelectual e falta de perseverança de chefes indígenas quando participando de registros linguísticos do pesquisador:

Ao contrário das outras línguas da grande família Aruak, o Wapischána é muito duro e, ao mesmo tempo, difícil de anotar, já que muitos sons, e mesmo sílabas inteiras, são ditos de maneira ininteligível ou meio engolidos. Pitá não serve de jeito nenhum para esses registros linguísticos. É um fato singular, sempre confirmado em minhas viagens, que os chefes, por mais inteligentes que sejam, falham nesse trabalho intelectualmente muito cansativo e insólito e não são perseverantes. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 60)

No caso específico da viagem de Koch-Grünberg, seu registro científico também se deu por outros meios, visuais e auditivos, que não dependiam da imaginação exclusivamente para que os resultados de sua expedição se efetivassem perante os leitores e expectadores da Alemanha. É claro que não é por esse motivo que seu diário deixa de ser completo em informações e detalhes quando comparado a outros relatos de viagem ou publicações anteriores ou posteriores a ele³.

Publicada em 1917, a obra **DO RORAIMA AO ORINOCO** – Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913, é composta por 5 volumes, resultado do material coletado durante a referida viagem, a partir da qual Koch-Grünberg organizou vocabulários de 23 tribos, textos de cantos medicinais e de magia, lendas e mitos (com transcrição da língua original seguida da tradução), observações escritas e visuais (fotografias) sobre os costumes e usos, fonogramas de cantos e filmes de danças. Exemplo disso é sua descrição da confecção do *caxiri*, típica bebida indígena fermentada:

Meu preferido é um *caxiri* de batata-roxa, que faz espuma como o vinho *Assmannshäuser* tinto e tem um sabor agridoce e refrescante, ligeiramente parecido com suco de framboesa fermentado. É verdade que, primeiro, a massa é mastigada, mas nunca por mulheres velhas, sempre por mocinhas

³ Por depender de fontes financiadoras, em alguns casos os registros feitos pelo viajante passam por um processo de triagem de seu conteúdo a fim de preencher determinados requisitos de uma literatura científica objetiva.

que, na maioria das vezes, destacam-se por seus belos dentes brancos, de modo que a coisa é bem apetitosa. Um *caxiri* esbranquiçado, de milho, também é muito saboroso. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 61-62)

Situações como essa integram sua pesquisa junto aos povos indígenas no Brasil e representam uma parte de seu trabalho investigativo para a escola de Etnologia que começava a despontar na Alemanha nos decênios finais do século XIX, a *Völkerkunde*⁴, fortemente influenciada pelas ideias de Wilhelm von Humboldt, em fins do séc. XVIII, que recomendava uma observação empírica e holística em busca do entendimento da causa das diferenças e das semelhanças entre povos distantes no tempo e/ou no espaço.

Para o professor Erwin Frank, no artigo “Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a *Völkerkunde* alemã do século XIX”⁵, tendo a cultura (*kultur*) como ponto de partida, o projeto *Völkerkunde* orientava-se em três premissas: a primeira referia-se a uma antropologia comparativa das ações, ideias e produções sociais de determinados grupos, o que, dado o caráter amplo da cultura, condenaria o etnógrafo à documentação detalhada desses elementos, registrados prioritariamente no gênero relatos de viagem; a segunda premissa visava conceder ao pesquisador o máximo de informações necessárias à identificação das ideias universais, necessitando, para tanto, de observações e documentações detalhadas das variações étnicas em grupos culturais distintos; a terceira premissa dessa historiografia cultural do *Völkerkunde*, muito utilizada por Koch-Grünberg, pautava-se em uma linguística comparativa que revelasse a organização das relações entre os povos, além de apontar suas semelhanças e distinções.

Integrante apaixonado desse projeto e oscilando entre o discurso subjetivo e o científico, Koch-Grünberg foi ainda influenciado por pesquisadores como Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Seu amplo trabalho de registro etnográfico sobre diversos aspectos das culturas dos povos indígenas resultou em extensas coleções representativas da cultura material desses povos e colaborou com importantes registros científicos.

⁴ Dialogando com diversos outros projetos que investigavam questões voltadas à cultura, a *Völkerkunde* difere da etnografia padrão praticada em fins do século XIX que, frequentemente calcada no conceito de raça, buscava relacionar as características biológicas dos povos com suas formas culturais. A etnologia, associada à antropologia cultural, embora sofrendo influência de teorias como o determinismo e o evolucionismo, substituiu o conceito de raça pelo de cultura, buscando tornar a etnografia mais precisa e científica.

⁵ Artigo publicado em 2005 na **Revista de Antropologia** da USP.

Um dos destaques de sua pesquisa deve-se ao caráter totalitário do registro documental feito por ele, orientado pelo projeto no qual se encontrava inserido e do qual se tornou um dos principais representantes. Embora limitado pela tecnologia da época, foi pioneiro no uso de gravações sonoras na região Norte do Brasil, buscando coletar o máximo de informações sobre as culturas indígenas pesquisadas, em conformidade com os preceitos científicos vigentes.

Os cinco volumes que integram a obra **Do Roraima ao Orinoco** pertencem, cada um, a um gênero literário-científico diferente. O primeiro volume é um diário de viagem com todas as características pertencentes a um diário e suas marcas linguístico-enunciativas. O segundo volume reúne uma larga coleção de contos e mitos dos Taurepang, Macuxi e dos Wapixana. O terceiro é dedicado ao registro etnográfico do povo Taurepang e à análise musicológica de suas canções. O quarto livro volta-se para a linguística comparativa das variadas línguas indígenas faladas nas regiões dos rios Branco e Orinoco. O quinto e último volume traz um ensaio fotográfico realizado pelo etnógrafo alemão, numa espécie de contribuição ao campo da antropologia física.

A diversidade de gêneros em que se insere cada um dos volumes da obra **Do Roraima ao Orinoco** revela a tentativa do pesquisador de ater-se aos princípios do projeto etnográfico alemão, considerado por Erwin Frank (2005) como humanamente impossível e fadado ao fracasso, tendo em vista a inexequibilidade de algumas de suas propostas. Embora Koch-Grünberg logre êxito em sua empreitada, realizada por conta de seu empenho, paciência e talento, seu esforço não foi suficiente para que os resultados de sua viagem científica conseguissem dar continuidade ao programa.

É assim que, como pesquisador em ação, com a ambição de coletar dados quase à exaustão, Koch-Grünberg conseguiu congregá-los nos cinco volumes de sua extensa e grandiosa obra. O volume I desta coleção é o diário de campo da expedição científica que parte de Roraima para alcançar as nascentes do rio Orinoco, na Venezuela. No relato, o pesquisador alemão faz a introdução de uma profunda etnografia de povos indígenas do Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa – uma região de tríplice fronteira.

Em direção a Boa Vista, ele parte de Manaus, em junho de 2011, em uma pequena embarcação lotada de passageiros de origens diversas, levando-o a refletir

sobre o modo como se relacionam e convivem harmoniosamente, lição que deveria ser aprendida pelos europeus de “nariz empinado”:

Os passageiros são, em parte, funcionários públicos, em parte, latifundiários, em parte lavradores pobres do alto rio Branco; a cor de sua pele traz todos os matizes entre o branco e o negro. Reina aí, coisa tão agradável nestes países, apesar de toda a cortesia, uma absoluta irreverência para com toda e qualquer diferença social e racial. Quão benéfica seria uma viagem dessas para muitos que, no Velho Mundo, andam por aí de nariz empinado, tão cômicos de sua dignidade! (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 61-62)

Durante a viagem, estabelece conversas com passageiros e, em contato com a alteridade, reflete sobre os artificialismos da chamada “civilização”, cujo excesso seria responsável por esses artificialismos. Sua opinião acerca disso, logo no início da viagem, já era reveladora de que possuía contatos anteriores com os índios, mas, ainda assim, mantinha seu olhar conformado à percepção europeia acerca do índio americano, além de colocar em xeque, como bom etnógrafo, a dimensão positiva inerente ao modelo civilizado de vida. Assim é que, ao encontrar no barco alguns índios pertencentes à tripulação, descritos como “sujeitos feios de rostos grosseiros”, o alemão desculpa: “Como estão há muito tempo a serviço dos brancos, já foram bastante contagiados pela ‘cultura’” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 31).

Essa “cultura” a que ele faz referência tem relações, no seu entendimento, com a vida “civilizada” do homem branco urbano. Assim, o índio, visto por ele como um homem natural, em contato com essa civilização e cultura sofre mudanças que não lhe parecem positivas, pois já desfrutam de uma “cultura interior” muito melhor: “Alegria e paz reinam em toda esta grande aldeia. Aqui não há discussões ou brigas, nem entre os velhos, nem entre os jovens. Essa inofensiva gente morena tem incomparavelmente mais cultura interior do que os brasileiros mestiços que pretendem civilizá-la!” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 95).

Esse pensamento de base rousseuniana⁶ é reiterado em outras reflexões feitas por ele:

[...] essas crianças nuas e morenas são, também para os nossos padrões, “bem-educadas” – enquanto elas tiverem muito pouco ou nenhum contato

⁶ Com base na tese do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) sobre o homem do estado de natureza (conhecido como “bom selvagem”), defende-se que o índio é bom por natureza, pois ainda não foi corrompido pela sociedade, que é má.

com a nossa chamada civilização. Se passam a sofrer constante influência dos brancos ou mesmo a trabalhar para eles, seja qual for a classe a que estes pertençam, essas crianças de uma alegria inocente e, ao mesmo tempo, sensíveis, tornam-se carrancudas e fechadas ou impertinentes e atrevidas. O encanto natural se vai. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 65)

Por outro lado, Koch-Grünberg, como viajante estrangeiro, traz a novidade, a diferença, podendo provocar a mudança e modificar a estrutura também. Nesse caso, para remediar esse conflito e tornar esse processo menos doloroso, é necessário tratar o viajante com ações que neutralizem sua presença, considerando o risco que ele representa, capaz de ameaçar o outro.

Para Michel Maffesoli (2001), ser dolorosa e essencialmente traumática é próprio da mudança, e, sob essa perspectiva, dar acolhida ao estrangeiro é também acolher o estranho, a diferença, o outro. Koch-Grünberg, entretanto, não se percebe estrangeiro entre os índios, pois o amam, o tratam de igual para igual e o veem como amigo:

Quando volto do banho, meus amigos, os Taulipáng, já acenam de longe para mim e me chamam para o lanche da tarde. [...]. Lá sou sempre um convidado bem-vindo. [...]. Como é costume aqui, troquei de nome com seu pequeno chefe, que fuma tanto do meu tabaco. Agora ele se chama “Teodoro”, eu sou chamado de “Yualí”. Aonde quer que eu vá as pessoas me chamam por meu novo nome e sentem um prazer infantil com isso. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 63)

Ser inserido e aceito pelo índio, ter seu nome trocado por um nome indígena, ouvir seu novo nome ser pronunciado com alegria pueril: essas descrições subjetivas de experiências vivenciadas pelo viajante podem ser, talvez, uma forma encontrada pelo narrador de construir-se perante o leitor do seu relato como um cientista que de fato mergulhou no universo de sua pesquisa. Com isso, ele demonstra que a alteridade, assim, encontrou alívio e que ele tem livre acesso para prosseguir sua viagem.

Abrindo um parêntese aqui, lembramos algumas considerações feitas por Mary Louise Pratt (1999) que nos levam a refletir acerca da possível concepção plural⁷ de Koch-Grünberg. Para a autora canadense, existiria por parte dos naturalistas um artifício utilizado em seus relatos por ela denominado de “ideologia

⁷ Essa concepção plural faz referência a todo o arcabouço teórico e intelectual do qual Koch-Grünberg é portador, considerando sua formação no campo da etnografia. Uma outra concepção é a particular, específica de cada um, empírica, dependente das experiências cotidianas e do contato com o outro.

anticonquista”, uma forma encontrada pelos naturalistas de justificarem suas atitudes ligadas aos interesses coloniais de exploração, representando um caráter inocente em suas ações e encobrendo seus reais interesses.

Não obstante ser portador do que Pratt denominou de “olhos do império”, no caso específico de Koch-Grünberg, dadas as especificidades temporais e o caráter de sua empreitada, este artifício não existe. Em sua narrativa, os objetivos de sua viagem encontram-se bem postos e ele os retoma com frequência. Seu olhar disciplinado de europeu-cientista-pesquisador-etnógrafo também é capaz de sofrer o impacto da experiência vivida, dando outro e novo sentido a cada uma delas. Prova disso encontramos no discurso por ele proferido em muitas de suas “observações de viagem”⁸, como ele se referia ao diário, mostrando que seu “olhar do império” havia sofrido transformação.

Segundo Francisco Paz (1996, p. 209), “embora as crônicas e relatos de viagem revelem atitudes individuais e estilos pessoais, o olhar do viajante contém uma consciência social, ainda que permeada frequentemente pela individualidade e subjetividade do autor”. Essa “consciência social” nos faz pensar, a título de digressão, sobre a questão da ideologia sob a perspectiva marxista, segundo a qual a ideologia é o mascaramento da realidade, cuja função seria a troca do “real” pelo “ideal”, substituindo a realidade de uma situação específica pela ideia sobre essa situação.

O professor Leandro Konder, em **A Questão da Ideologia** (2002), aponta a teoria da ideologia de Marx como sua contribuição mais importante às atuais discussões contemporâneas acerca da teoria do conhecimento, recuperando esse conceito para aferir as implicações da ideologia na construção do conhecimento e avaliar como poderia ser superada sua inevitável distorção. Uma destas recentes contribuições é encontrada no historiador Carlo Ginzburg e seu paradigma indiciário, discutindo que a realidade é sempre mais rica do que é possível perceber e, portanto, é preciso desenvolver uma arguta desconfiança dialética em relação à construção e ao uso social do conhecimento. Assim, para Konder,

⁸ Na Introdução ao volume I, Nádya Farage e Paulo Santilli opinam: “Podemos concordar com a definição dada pelo autor às suas ‘observações de viagem’ apenas em um sentido bastante restrito, uma vez que, em teoria e método, seu trabalho constitui um momento de transição entre o relato de viagem e a etnografia, tal como o gênero viria a se consolidar no século XX” (2006, p. 12).

(...) a ação da ideologia mantém uma característica essencial que se manifesta na representação da realidade, na construção do conhecimento, em geral: **a ideologia atua também - e talvez sobretudo - na limitação dos horizontes; se manifesta, possivelmente, mais no que não está sendo visto do que naquilo que está sendo enxergado** (2002, p. 223, grifos do autor).

Nesse sentido, buscar o conceito marxista de ideologia ajuda-nos a compreender a relação falsamente ingênua que temos do prevaecimento de uma cultura ou classe sobre a outra. Isso explicaria uma série de termos empregados por Koch-Grünberg, assim como as posturas dele para com os índios mais simpáticos em detrimento dos menos amistosos. Além disso, Marx, por estar mais próximo de Koch-Grünberg, está mais autorizado a descrever suas posturas e as de sua época com mais rigor histórico.

Digressão finalizada, é possível entender como a normatização do olhar do pesquisador alemão, conquanto revele as singularidades construídas pelas vicissitudes das experiências vividas nas expedições anteriores, encontra-se guiado de forma plural e sistêmica dada a sua formação. E em diversas ocasiões seus padrões perceptivos são limitados pela fronteira do seu imaginário que não ultrapassa o campo das representações possíveis, sendo conduzido, muitas vezes, pela natureza, fosse ela física ou humana, com sua ordem velada, mas capaz de permitir ao viajante seguir adiante ou não.

Exemplo disso é a dificuldade geográfica em seguir até às nascentes do Orinoco, região, segundo opinião do viajante, pobre do ponto de vista etnográfico dada a escassez de povoamento e de ser habitada por “índios nômades que se encontram num estágio cultural muito baixo”:

Mas a primeira condição prévia para o sucesso da expedição é uma tripulação fixa inteiramente confiável, pois não se pode confiar nos índios destas regiões, [...]. E mesmo uma expedição bem equipada como essa enfrentaria nessa região selvagem, intransitável e desabitada, dificuldades imensas, talvez intransponíveis. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 331)

Ao propor soluções que viabilizem futuras expedições ao rio Orinoco, como o estreitamento das relações entre Venezuela e Brasil que partiriam em expedições conjuntas, seu posicionamento crítico é acionado na mesma proporção em que ele põe em ação seu exercício de ressignificação. O resultado é o delineamento de novos significados para as experiências vividas, conformadas segundo os padrões do imaginário que influencia sua produção, como suas observações de viagem.

Ademais, perceber o grupo indígena habitante do Orinoco como sendo de “estágio cultural muito baixo” é, no mínimo, indício revelador de uma ideologia que defende o viajante como um indivíduo iluminado pela ciência e que assume a responsabilidade de descobrir a verdade, escondida do mundo das aparências (como no mito platônico), ao mesmo tempo em que, através de seu discurso, reordena e seleciona essa verdade ou repete ‘verdades’ etnocêntricas do mundo a que pertence.

Em certa medida também influenciado pelos relatos de viajantes anteriores⁹, o pesquisador alemão sequencia o imaginário construído nos relatos desses viajantes que o precederam, buscando encontrar indícios que comprovem e ampliem o lido. E o parâmetro de avaliação para as diferenças encontradas é o olhar dos que “descobriram a totalidade de que fazem parte. Até então, formavam uma parte sem todo”, como supõe Todorov (1999, p. 6).

De outro modo, Neide Gondim (2007, p. 50) afirma que “na diferença muitas vezes vem embutida a idéia de superioridade, captada nas expressões [...]”, e a pesquisadora amazonense enumera uma série de expressões maniqueístas que fizeram e fazem parte da invenção da Amazônia, e repetidas em Koch-Grünberg em diversos momentos, como nos episódios a seguir.

Um deles ocorre quando Manduca, um Yekuaná, mata uma fêmea de macaco e os demais índios maltratam seu filhote ainda vivo: “Agora a insensibilidade desse povo inferior se revela. [...]. Esses monstros deixaram o pobre macaquinho morrer de fome e o maltrataram até a morte” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 254). Outro episódio é a descrição dos cuidados do xamã Arekuná com sua mulher cega, observados com bastante admiração pelo viajante, mas que, segundo ele, “Infelizmente, essa compaixão para com os doentes indefesos é um traço raro nos índios” (2006, p. 243). Outro momento sucede quando os Máku, “insensíveis como todos os índios” (2006, p. 263), abandonam um cachorrinho às margens do rio Mewerari, de forte correnteza.

Eventos como os citados acima, vistos e experimentados por Koch-Grünberg, são frutos deste interessante processo resultado dos modelos referenciais por ele apreendidos e cujas bases estão em sua concepção plural (que realiza uma leitura específica de cunho intelectual) em associação com sua concepção singular (que

⁹ Humboldt, Martius e Coudreau estão entre os viajantes lidos e estudados por Koch-Grünberg.

traz à tona sua subjetividade), depositário que era de experiências e verdades particulares. Desse modo, ser tocado por um sorriso de uma menininha de 8 meses em sua despedida rumo à comunidade de San Fernando, na Venezuela, torna-se um momento especial que só poderia ser descrito a partir do acionamento de sua dimensão subjetiva:

Depois de muito, muito tempo, foi a primeira experiência agradável, e uma experiência agradável sem sombras. Essa paz foi tão benfazeja depois de longa e selvagem vida errante, um descanso para corpo e alma, mas ela também despertou a saudade de casa. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 362)

Um sorriso capaz de provocar uma “experiência agradável sem sombras”, uma “paz tão benfazeja”, um “descanso para o corpo e alma”, de despertar saudade de casa, além de ser descrito de forma tão singelamente poética, é posto ainda em termos de oposição às sensações vivenciadas em sua “longa e selvagem vida errante”.

A inteligibilidade de representações subjetivas como essa ou plurais como outras só é possível devido ao contato travado pelo alemão com os modelos de pensamento (como os valores e crenças produzidos pelo tempo e pelo lugar) e, ao mesmo tempo, pelo embate entre estes modelos e sua vivência como etnógrafo. Será nas formas de produção de sentidos articulados na obra que publicou (depositária do conflito entre as experiências e as referências) que encontrará a possibilidade de traçar contornos de sua leitura do homem e do espaço amazônico.

Na construção do seu diário, esse conflito torna-se de extrema importância ao se tomar como ponto básico de reflexão sua formação no campo da Etnografia. Assim, sua experiência pessoal no contato e vivência com os índios conduz seu olhar em outra direção e o faz perceber que eles não eram mais somente objeto de classificação dispostos à inteligência iluminada da Europa e seus cientistas, mas sim sujeitos ativos no processo de construção do seu conhecimento, como ele pondera sobre a educação da criança indígena: “Não há dúvida de que os pais dão o bom exemplo e, nesse aspecto, são também os melhores professores para um europeu” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 64).

Todavia, ao mesmo tempo em que o homem Koch-Grünberg leva em consideração as experiências vividas e se põe (como branco civilizado) em termos de igualdade de razão e sentimento com o índio, o cientista Koch-Grünberg retoma

os parâmetros da etnografia alemã para compor a imagem deste índio. Essa modulação entre suas identidades múltiplas ocorre devido à imposição de eventuais acontecimentos. Dessa maneira, acionada por sua subjetividade, sua concepção individual também congrega na diversidade de suas ações sua concepção plural. Isto quer dizer que seu universo particular está traspassado pelo conjunto de modelos e referências que regem seu universo plural. Ou vice-versa.

Produto de concepções plurais e singulares, é neste volume I que as capacidades de observação e narração de Koch-Grünberg podem ser destacadas. Nele, o narrador etnólogo é capaz de associar o pitoresco ao rigor das descrições técnicas e científicas, trazendo à luz informações sobre a geografia, a mitologia e a cultura material e técnica das populações que pesquisou, contando com o apoio (de boa vontade ou não, em alguns casos) dessas populações indígenas:

Eles conhecem cada montanha, cada riacho, cada pedra de sua região, cada trilha que percorreram em suas constantes viagens, que, muitas vezes, duram semanas ou até meses, conhecem cada curva de seus rios e enumeram-nas com os dedos quando perguntados sobre uma determinada distância durante a viagem. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 117)

Os dados assim coletados foram importantes para pesquisas e estudos de outros autores, como Mário Andrade, para quem a leitura do diário de Koch-Grünberg foi essencial para a escrita de **Macunaíma** (1928) e a elaboração do “herói sem nenhum caráter”. Em **Caminhos e Fronteiras** (1956), Sérgio Buarque de Holanda também se utiliza das informações da obra de Koch-Grünberg ao se referir aos costumes indígenas usados pelos portugueses durante suas viagens pelo sertão brasileiro.

Embora nenhum dos dois intelectuais tenha feito referência em seus textos a grupos indígenas específicos¹⁰, o que de certa forma minimiza as diferenças étnicas no tratamento ao indígena e contribui para a ideia de um índio brasileiro “genérico”, isso foi imprescindível para a formação do imaginário nacional e para a discussão em torno da “essência do brasileiro”, partindo daí a ideia de identidade brasileira como integrante de um processo de miscigenação.

¹⁰ As lendas e mitos coletados por Koch-Grünberg pertencem, boa parte, ao grupo indígena Macuxi.

1.3 Do historiador: de como Carlo Ginzburg entra nesta história

Em um relato de viagem, o narrador registra os acontecimentos que julga serem verdadeiros, procurando uma univocidade que impeça a construção de múltiplos sentidos por parte do leitor. Por outro lado, ao descrever sua versão dos fatos, o viajante carrega em sua bagagem juízos de valor oriundos de seu lugar de origem, resultando em uma visão de mundo repleta de olhares traspassados por outros olhares.

Infere-se, então, que esse fato não poderia resvalar senão em uma narração carregada por “representações” de uma realidade que se apresenta especificamente moldada para olhares próprios e distintos, não para o “olhar indescritível” da índia Wapixana de quem Koch-Grünberg comprou uma peça de miçanga inacabada: “Acha que sou louco. – Quantas vezes deparei, mais tarde na viagem, com esse olhar!” (2006, p. 49).

“Esse olhar” do qual o viajante é alvo encontra resposta em diversas passagens do seu diário, manifestando a impossibilidade de certas imagens e situações serem descritas de forma rigorosamente científica. É assim que, em busca da identificação de detalhes (indícios, pistas, sinais ou sintomas) no texto analisado, o *paradigma indiciário* ou *método indiciário*, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg¹¹, surge como um caminho a ser percorrido nessa busca. E é assim que ele passa a fazer parte de nossa viagem.

No ensaio “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, de 1986, integrante do livro **Mitos, emblemas e sinais – Morfologia e História** (1999), Ginzburg aponta os benefícios trazidos ao historiador pelo novo método interpretativo baseado em dados marginais, mas reveladores. Assim, investigando também pistas, sintomas e indícios, além dos fatos explícitos, o historiador pode apreender aspectos da realidade que continuaram ocultas através das formas clássicas de investigação: “o que caracteriza esse saber é a capacidade, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, de remontar a realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1999, p. 152).

¹¹ Um dos pioneiros no estudo da microhistória, o historiador e antropólogo Carlo Ginzburg nasceu em Turim, Itália, em 15/04/1939. Publicou, entre outras obras, **O Andarilho do Bem**, em 1966, e **O Queijo e os Vermes**, em 1976, obra que o tornou conhecido como um dos grandes historiadores da Europa.

Sob a perspectiva do paradigma indiciário, três olhares indiciaristas são possíveis de serem estabelecidos a partir da análise da obra de Koch-Grünberg: o olhar do viajante-narrador, que como pesquisador-etnógrafo busca nos detalhes dos dados coletados a compreensão de sua pesquisa; o olhar do índio (ou o olhar do narrador sobre o índio), personagem da narrativa, que, por meio de rastros e pistas, orienta e guia o viajante pelos intrincados e difíceis caminhos que o levem ao Roraima e ao Orinoco; e, ainda, o nosso olhar como pesquisadores externos, que investiga nas entrelinhas textuais a identificação de indícios reveladores que nos façam alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa.

Ou seja, dois olhares endógenos e um exógeno, induzindo-nos a interpretações que, embora resultem subjetivas, possibilitam outros olhares sobre o diário do alemão. E, sobre isso, é preciso orientar-se pela recomendação de José Luís Jobim acerca das mediações necessárias para a leitura de obras do passado, como “os efeitos de temporalidades que se cruzam na própria leitura; da simultaneidade do não-contemporâneo; das diferenças do passado, vistas sob a ótica do presente” (2002, p. 133). Dessa maneira, ao *olhar* assim, denominado pelo professor Jobim de *horizonte*, é preciso estar atento aos sinais e avisos deixados.

Em sua despedida no porto de Manaus, prestes a embarcar no vapor alemão, sua conturbada relação com o índio Romeu resolve-se de maneira significativa e, em outra situação, passaria despercebida. Tais quais as discretas e poucas lágrimas derramadas por Capitu à frente do caixão de Escobar foram indícios suficientes para desencadear fortes suspeitas de adultério em Bentinho¹², as lágrimas derramadas por Romeu ao despedir-se de Koch-Grünberg apagaram ressentimentos e selaram a existência de boas lembranças entre a “raça morena” e o viajante: “Então ele olhou fixamente para frente e algumas lágrimas rolaram por sua face morena. Elas apagaram tudo de repugnante que me aconteceu durante o último ano com seus companheiros de raça” (2006, p.374).

A utilização do foco metodológico de Ginzburg para identificação desses “sinais” e “indícios” na narrativa koch-grünbergiana ajuda-nos a entender, sob o ponto de vista um tanto quanto relativista, a incapacidade que as palavras têm de

¹² “[...], Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas, poucas e caladas...” (ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martin Claret, 2004. Capítulo 123).

expressarem a verdade e a realidade¹³ “adequadamente”. Característica inerente e inflexível da linguagem, essa incapacidade acaba por tornar inábeis as tentativas de expressão da realidade com palavras, oferecendo resistência a toda a possibilidade de conhecimento.

A despeito desse pensamento de base relativista, leva-se em conta que Ginzburg propõe o paradigma indiciário como um modelo que possui uma cientificidade do individual¹⁴, do particular que passa despercebido, quebrando, assim, as certezas da “cientificidade” e da generalidade. Exemplo dessa quebra das certezas científicas, da qual Koch-Grünberg era depositário e representante, ocorre ao tomar conhecimento das “fórmulas mágicas” dos Taurepang, importantes para a etnologia e que

mostram, mais uma vez, num certo estágio, a humanidade tem as mesmas idéias em toda parte; pois elas assemelham-se, em toda sua estrutura, mesmo nas expressões, às conhecidas “*Merseburger Zaubersprüche*” (fórmulas mágicas de Merseburg), de antiga época germânica, e aos adágios de cura e de bênção (*Gesahn*) que nossa gente do campo emprega ainda hoje contra doenças de pessoas e de animais. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 213)

Defendendo a emergência desse modelo epistemológico ou o paradigma indiciário que veio à tona nos fins do século XIX, Ginzburg estabelece relações entre história da arte, psicanálise, investigação e semiótica, partindo suas observações de Giovanni Morelli (crítico de arte), Sigmund Freud (fundador da psicanálise) e de Sherlock Holmes (personagem de Arthur Conan Doyle), três figuras importantes para compreensão do estudo do autor que os utiliza como modelos na construção do paradigma de um “saber indiciário”, demonstrando como esse método de conhecimento é capaz de, com base na observação de detalhes reveladores, elucidar pormenores considerados irrelevantes e apontar aspectos antes não detectados.

¹³ Michel Certeau afirma que a realidade “se exila na linguagem” (1982, p. 51). Fazendo uma analogia com a ideia do exílio e do exilado, isso nos leva a pensar que, como exilada, a realidade estaria fora da “sua pátria”, necessitando “esconder-se” e, portanto, não se revelando de forma explícita e verdadeira. Dessa forma, como a realidade não pode ser apropriadamente enunciada pela linguagem, as diferenças entre uma narrativa histórica e uma narrativa de ficção não existiriam. (CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Trad. de Maria de L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982).

¹⁴ Uma consideração se faz necessária: Ginzburg é posterior a Koch-Grünberg. Entretanto, podemos considerar, de modo empírico e jamais teórico, que Koch-Grünberg é um dos precursores no uso do paradigma indiciário tendo em vista os métodos investigativos utilizados por ele.

O autor faz essa análise fundamentado na correlação entre os métodos utilizados pelas três figuras modelos: o método morelliano (identificação de quadros antigos, distinguindo uma cópia de um original), método psicanalítico freudiano (interpretação dos sintomas a partir de anamneses) e o método indiciário do detetive Sherlock Holmes (elucidação de crimes por meio de pistas e “de indícios imperceptíveis para a maioria”). Dessa forma, as “Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” direcionam o olhar do pesquisador para elementos insignificantes aos olhos de outros, mas que possibilitam o esclarecimento de “uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (GINZBURG, 1999, p. 150).

Embora o historiador tenha destacado a importância do indiciarismo como modelo epistemológico trazido à tona apenas por volta do final do século XIX, ele ressalta a utilização da prática indiciária desde tempos remotos, como na Pré-História, quando os homens, para caçar e pescar, buscavam decifrar nas pistas e rastros a interpretação necessária para sua sobrevivência. Essa prática de análise minuciosa dos “sinais” é denominada por Ginzburg de paradigma venatório ou indiciário, cujas raízes antigas são anteriores à própria criação dos paradigmas científicos, como ele sintetiza:

Em suma, pode-se falar de paradigma indiciário ou divinatório, dirigido, segundo as formas de saber, para o passado, o presente e o futuro – e tinha-se a semiótica médica na sua dupla fase, diagnóstica e prognóstica [...] e tinha-se a jurisprudência. Mas, por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escuta as pistas da presa. (GINZBURG, 1999, p. 154).

Desse modo, o paradigma indiciário pode ser interpretado como um conjunto de princípios e procedimentos teórico-metodológicos capazes de orientar a construção do conhecimento a partir da investigação e análise dos indícios. O historiador Ginzburg baseou-se na ideia de que a História tradicional “ocultou”, “deixou de lado” ou “simplesmente ignorou” uma série de detalhes aparentemente sem muita importância, mas indispensáveis para a explicação de fatos históricos. Nesse sentido, se é impossível o conhecimento da realidade para os relativistas, tendo em vista que a inacessibilidade da realidade objetiva aos seres humanos, Ginzburg afirma que ainda assim somos capazes de decifrar essa realidade, pois se

ela “é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (1999, p. 177).

Orientando-se pelo método indiciário, é possível perceber em **Do Roraima ao Orinoco** diversas concessões ao poético que sinalizam o caráter literário da narração de Theodor Koch-Grünberg, como na pista encontrada no trecho a seguir:

O nascer do sol é indescritivelmente belo. Pouco a pouco, o céu noturno clareia sobre a serra Mairari, evidenciando nitidamente os seus contornos. Ele brilha nas cores azul-turquesa, verde-claro e amarelo. Algumas nuvenzinhas distantes já se mostram ruborizadas pelo beijo do sol, enquanto outras, mais próximas, passam ainda negras na sombra da noite, até que, de repente, irrompe o enorme astro, cujos raios o olhar humano não consegue suportar. (2006, p. 56)

A variação de cores no nascer do sol e nuvens que se ruborizam com o beijo do sol são descrições (consideradas pelo narrador como indescritíveis) que apontam para a sensível relação entre o sujeito e a linguagem, responsável pela apreensão, ordenação e produção de significados ao mundo. Essa representação é efetivada no diário de Koch-Grünberg, texto de estatuto poético inquestionável, de forma que todas as pistas, sinais e indícios poéticos encontrados nele apontem também para o imaginário que é construído em torno da narrativa.

Muito além de ser apenas um conjunto de sonhos, esse imaginário seria a convivência com o que é real aos olhos do viajante, movimentando, para tanto, mesmo de maneira inconsciente, diversas situações externas e internas que, fundamentas nos indícios poéticos, põem em cheque o crédito concedido aos elementos básicos do relato de viagem. E isso significa dizer que, por depender da linguagem, nem sempre a verdade, a realidade e o mundo, assim como a natureza, os fenômenos e o “outro” podem ser claramente contados, concebidos ou descritos. E, às vezes, só as pistas, indícios e sinais podem nos indicar algum caminho que nos permita seguir adiante.

É o que faremos.

2 ONDE SE DISCUTE O FICCIONAL NO DIÁRIO DE KOCH-GRÜNBERG: DA NARRAÇÃO DA NATUREZA À NATUREZA DA NARRAÇÃO

“Toda essa natureza grandiosa tornou-se íntima minha como um velho conhecido. Eu a entendo quando ela fala de maneira amigável comigo e também não a temo quando se opõe a mim com hostilidade, pois eu a conheço e sei como enfrentá-la.”

(KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 37)

As narrativas de viagem há muito são consideradas fonte de pesquisa historiográfica ao levar em conta que fornecem valiosas informações do passado de uma região. Contudo, além do conhecimento histórico, a literatura de viagem também se configura como forma de construção imagética desse lugar na medida em que essas narrativas constituem “representações” da realidade observada a partir do olhar subjetivo do estrangeiro, relacionando-se, com frequência, ao imaginário e ao simbólico.

Sob a perspectiva dos objetivos da viagem e da formação e visão plural do viajante, entre outros aspectos, apontamos no capítulo anterior alguns indícios que fazem com que a viagem seja tantas vezes apontada como uma prática científica. No entanto, ao serem transportados para a escrita (o diário, por exemplo), prática que envolve complexos processos de linguagem, os aspectos científicos da viagem tornam-se dependentes da sensibilidade dos sentidos do viajante, cuja invenção da escrita marca o imperceptível limite existente entre o fato e a ficção.

Esse limite ratifica as múltiplas tensões do olhar e nos faz pensar que, na intenção de descrever o que vê, o viajante acaba falando de si mesmo, o que confirma o duvidoso caráter das fronteiras entre o ativo e o passivo, como exemplificado por Roland Barthes:

Diante de minha casa, do outro lado da rua, na altura das minhas janelas, há um apartamento aparentemente desocupado. No entanto de tempos em tempos, tal como nos melhores folhetins policiais, ou mesmo fantásticos, há uma presença, uma luz acesa já alta noite, um braço que abre e fecha uma porta de janela. Do fato de eu não ver ninguém apesar de eu olhar (perscrutar) induzo que não sou olhado – deixando as cortinas abertas. Mas passa-se talvez o contrário: sou talvez incessante e intensamente olhado por quem está escondido. A lição desse apólogo servia: à força do olhar, a pessoa esquece-se de que ela própria pode ser olhada. Ou ainda: no verbo ‘olhar’, as fronteiras do ativo e do passivo são incertas. (1984, p. 256)

São essas fronteiras entre o real e o ficcional, entre o fato e a ficção, entre o ativo e o passivo que nos levam adiante em nossa viagem pelo diário de Koch-

Grünberg. Produto das arbitragens das construções políticas e intelectuais da época, antes de ser pensando como científico e objetivo, seu discurso traz as marcas das construções elaboradas por um pesquisador estrangeiro que parte dos contrastes culturais para avaliar o mundo que investiga, comparando-o, quando conveniente, com seu mundo de origem:

Às vezes, esses brasileiros têm idéias estranhas sobre o casamento. O piloto, um caboclo genuíno, perguntou-me um dia, quando lhe mostrei fotografias de minha mulher e de meus filhos: “O senhor tem família em Manaus?” “Não, senhor!” “Então, só na Alemanha?” “Sim, senhor!” – Isso dá muito o que pensar. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 31)

Ao formar uma suposição sobre que possíveis ideias os brasileiros teriam sobre o casamento, episódios como o citado acima localizam o relato de viagem de Koch-Grünberg no espaço e no tempo, estabelecendo limites também para a distância entre o narrador e o leitor. O primeiro, por ter vivenciado quadros culturais diferentes, sente-se na obrigação de construir, via linguagem escrita, o lugar visitado, agregando valor a ele ao tornar o texto um objeto importante. O segundo, pela ausência de experiência com a realidade ameríndia descrita pelo narrador, necessita de informações e detalhes que o façam “viajar” pelos lugares visitados pelo viajante, que demonstra sua superioridade por meio do objeto narrado.

Como portador de novas tecnologias da verdade, Koch-Grünberg instaura novas ordens de sentido em seu discurso, criando uma nova tradição ao ressignificar discursos anteriores. Isso ocorre porque “ele aproveita fragmentos do ritual já instalado – da ideologia signifiante – apoiando-se em ‘retalhos’ dele para instalar o novo” (PUCCINELLI, 1993, p. 13). Com isso, uma outra e nova memória é instituída a partir dos rastros de outros viajantes e dos seus próprios testemunhos que representavam e imaginavam o lugar pesquisado.

Para que o público leitor europeu (e as gerações posteriores também) valorize seu trabalho etnográfico, reconhecendo no seu texto que o Eldorado rousseauiano foi encontrado, o pesquisador busca na hipérbole metafórica a diferença capaz de oferecer uma pálida ideia do vivido por ele. Essa relação espacial e temporal entre o viajante-narrador e o leitor é, ao mesmo tempo, cultural e ideológica, conforme apontado por Todorov no ensaio “A viagem e seu relato”:

Penso então que, ao lado da primeira relação de alteridade, a existente entre o narrador e o objeto de sua narração, há uma outra, mais atenuada, é verdade, entre o leitor e o narrador que não devem participar exatamente do mesmo quadro ideológico. A descoberta que o narrador faz do outro, seu objeto, o leitor a repete em miniatura, em relação ao próprio narrador; o processo de leitura imita, em certa medida, o conteúdo do relato: é uma viagem no livro. Essa distância entre narrador e leitor não pode ser fixada com exatidão; mas eu diria, para marcar o limite, que é preciso pelo menos uma geração separando os leitores dos autores. (TODOROV, 2006a, p. 241)

Lido 100 anos depois, o diário de Koch-Grünberg comprova isso. A influência da “bagagem cultural” pertencente a ele como homem da ciência em suas atividades científicas é por nós percebida, leitores de gerações posteriores, em contraponto e comparação com nossas reservas culturais, literárias e visuais. As interpretações realizadas provam que “nossa visão possível sobre o presente e o passado, bem como nossas expectativas sobre o futuro, pagam tributo ao horizonte em que nos inserimos” (JOBIM, 2002, p. 134).

E sob esta perspectiva, na leitura de seu texto tencionamos seguir rastros e pistas deixados que nos levem a seguir pelos caminhos percorridos por ele. Partindo do princípio já explicitado que o cientista também parte das suas reservas para interpretar as suas observações, entendemos melhor os indícios encontrados e as estratégias utilizadas pelo narrador que busca conferir ao local visitado um exotismo que o distingue da Europa, conferindo a ele, como narrador, o estatuto de conhecedor de uma realidade desconhecida pelo leitor:

Todos aguardam ansiosos. Hoje veremos o Roraima! Subimos uma íngreme cadeia de arenito, que segue de leste a oeste e cai em terraços para o sul. Ofegantes, subimos até a borda. “Roroíma! Roroíma!”, os índios exultam. Ainda a grande distância, mas nitidamente visível através do ar limpo, temos nosso destino diante de nós. O olhar embevecido passa pela extensa região montanhosa e se prende no enorme grupo do Roraima, que se ergue acima dos arredores e surpreende por sua forma singular. Parecendo castelos gigantes, erguem-se dois colossos de rocha, separados um do outro por uma profunda depressão, cerca de 1.500 m acima do planalto à sua volta. (...). É um quadro indescritivelmente grandioso, que jamais se esquece! (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 102)

Chegar ao Roraima é, além de alcançar um dos objetivos da viagem, uma realidade tão ansiosamente aguardada pelo viajante (ele inclui seus companheiros índios nessa ansiedade também) que descrevê-la de forma objetiva não conseguiria traduzir a grandiosidade do visto e do sentido. Ao usar expressões adjetivas como

“castelos gigantescos” e “dois colossos de rocha”, o narrador hiperboliza o texto, construindo-o conforme os horizontes de expectativas do leitor.

Para tanto, o narrador emprega metáforas e adjetivos grandiloquentes para, a partir deles, elevar a realidade objetiva a um patamar descritivo que a faça capaz de ser também percebida e sentida pelo leitor de seu relato. É na linguagem poética que ele vai buscar os efeitos pretendidos na captação e descrição de suas impressões como viajante. O exotismo, nesse caso, também surge como forma de elevação da realidade vivenciada pelo etnógrafo em seu campo de pesquisa e a distingue da Europa:

Longe, a leste e a oeste, vêm-se cumeadas azuis, as serras do Tacutu e do Uraricoera. Atravessamos a vau numerosos riachos, todos eles correndo para a esquerda, para o Parimé. São acompanhados por magníficas palmeiras em leque, em cujo verde escuro os olhos, torturados pelo ar cintilante, descansam por pouco tempo. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 47)

Descansar os olhos torturados no verde escuro das palmeiras é uma imagem construída que revela o efeito que uma descrição como essa pode ter sobre o leitor. Por outro lado, pintar uma imagem assim também é uma forma de valorização epistemológica do seu trabalho: já que ele não pode ser mais científico do que já é, ele “exagera heroicamente” pretendendo sensibilizar o leitor: “somente muita força de vontade nos ajuda a prosseguir” (2006, p. 47).

Com isso, está criado um espaço mágico aos olhos do leitor superposto aos espaços do narrador, do viajante e do cientista, com diferentes modos de ação e de observação. Destacam-se nesse ponto as reservas culturais e ideológicas dos dois últimos que, na prática de campo, coexistem em uma só pessoa. Desta forma, convivem diferentes práticas culturais em um mesmo personagem, cujo saber científico sofre influência dos saberes de personagens habitantes do local e detentores de informações sobre caça, pesca, natureza, resultando numa veemente interação cultural e, como Koch-Grünberg acredita, altamente recíproca:

Levo uma vida idílica aqui. De manhã cedo, antes que o sol se levante, acima das montanhas, vou com meus meninos para o banho no riacho próximo, um lugar sossegado e, ao mesmo tempo, selvagemmente romântico, onde a fresca água da montanha esguicha de uma escura gruta na rocha e, depois de um salto divertido, ajunta-se numa bacia limpa e arenosa. Um bando de alegres rapazes índios sempre nos faz companhia, e a alegria é grande. As mulheres e as moças tomam banho alguns metros abaixo. Suas risadas e gritos travessos ressoam até nós. Tão logo retorno à minha cabana, uma velha Wapischána, que o chefe pôs para me servir, traz o café

da manhã, a “sopa de batata”, um caldo roxo e grosso de cará cozido. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 58-59)

Descrever o cotidiano pode parecer simples. Mas não é tarefa fácil para um viajante que precisa reconstruí-lo detalhadamente para o leitor de seu relato. Principalmente do relato como um dos documentos mais importantes no cumprimento das premissas da *Völkerkunde*. E Koch-Grünberg faz isso de forma magnífica nesse trecho ao usar de estratégias retóricas que encontram na linguagem poética e na referência ao exótico os elementos necessários para o preenchimento das lacunas que seu texto poderia ter, cumprindo, de certa forma, as propostas do projeto etnográfico alemão, ao passo que, talvez ingenuamente, também colabora para dar continuidade ao imaginário europeu construído sobre a Amazônia.

Eni Orlandi Puccinelli, em **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**, exclama: “Que terreno fértil esse que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória do velho mundo)” (1993, p. 17). E um exemplo em que podemos observar como esses três elementos se movimentam é no caso das diversas lendas contadas pelos índios, dispersas em fragmentos no diário e catalogadas no volume II da obra, como Macunaíma, Canaimé, entre outros. É no entrelaçamento da realidade, da imaginação e do imaginário que, segundo a autora, “se processa o mecanismo ideológico de construção imaginária da realidade com seus efeitos de evidência” (1993, p. 17).

Entender como esses processos se constroem dentro das observações de viagem de Koch-Grünberg, a partir do paradigma indiciário, é a intenção deste capítulo que busca apontar as marcas do ficcional deixadas pelo narrador na descrição da natureza e do outro, principalmente do índio. Objetivamos, assim, refletir como o processo de narratividade e os efeitos dessas marcas sobre o leitor incidem ainda hoje, enquanto prática discursiva, sobre quem precisa, por qualquer motivo, descrever a Amazônia.

2.1 De Theodor Koch-Grünberg, o narrador da Amazônia

Para seguir adiante em nossa discussão, lembramos que a narrativa de viagem é orientada por perspectivas do narrador-viajante, que incluem seu estilo de

vida, sua mentalidade, assim como sua visão de mundo e sua posição de sujeito, ou seja, o local cultural de onde fala. De forma objetiva e poética, Octávio Ianni, em **Enigmas da Modernidade-Mundo**, sintetiza o que temos discutido até o momento e que se amplia neste capítulo:

À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte nunca é o mesmo que regressa. (2000, p. 31)

Viajando no tempo, encontramos na Idade Média um dos motivos de “transfiguração” e que tem o perigo como palavra chave da viagem, realizada com frequência no sentido de peregrinação. Assim, os viajantes dos séculos XI, XII e XIII tinham Compostela, Roma ou Terra Santa como objetivo de suas viagens. Ligada ao processo de expansão cristã conhecido por Reconquista, a peregrinação à Espanha rendeu, em 1139, o "Guia do Peregrino", além dos inúmeros relatos sobre as expedições à Terra Santa que, a partir de 1096, se transformam nas Cruzadas.

Desse período, alguns relatos interessantes podem ser encontrados: Lamberto de Hersfeld, com sua descrição da travessia do Monte Cenis pelo Imperador Henrique IV, em 1077; o registro da missão de João de Oxford à Sicília, em 1176, com o objetivo de negociar o casamento da princesa inglesa Joana com o soberano franco-normando Guilherme II; os detalhados relatos das expedições a Roma (1199, 1201, 1203 e 1204) empreendidas pelo britânico Geraldo de Barry, com o intuito de discutir a sua eleição para um bispado galês. O comerciante veneziano Marco Polo é o mais famoso dos viajantes medievais com o seu relato sobre o Oriente, no séc. XIII, com grande influência sobre os viajantes vindouros, como Cristóvão Colombo.

A literatura de viagem, assim, alcança ampla divulgação na Europa nos finais do século XV, desenvolvendo-se de fato no século XVI, especialmente a partir do surgimento de realidades até então desconhecidas, como a descoberta de novas terras e o encontro com povos e raças diferentes. Uma dessas descobertas maravilhosas tem seu relato no diário da descoberta da América, de Cristóvão Colombo.

A partir do final do século XVII, ultrapassar as fronteiras do mundo conhecido passou a ter a necessidade de se transformar em projeto mais bem articulado e com fins bastante específicos, a despeito de ser empreendimento de instituições particulares, comerciais ou estatais. A consolidação de viagens assim estruturadas acontece a partir do momento em que a Europa sente a “necessidade” de se apropriar do novo mundo, encontrando amparo no pensamento intelectual que se formava na época. Para a concretização desse objetivo, uma normatização das formas de percepção paulatinamente começa a se instalar, criando manuais que estabeleciam as regras e normas para o que “olhar”, por que “olhar” e como “olhar”, assim como determinavam sobre a organização de viagens e o registro das impressões dos viajantes.

Sobre esse assunto, o antropólogo João Pacheco de Oliveira Filho (1987), no ensaio “Elementos para uma Sociologia dos Viajantes”, observa um conjunto normatizador para as viagens, propondo que alguns pontos fundamentais devem ser considerados na análise dos textos de viagens, levando em consideração que estas normas têm seus objetivos definidos e selecionados com base em mecanismos não arbitrários ou dependentes de motivações individuais.

É preciso atentar, assim, para as qualificações intelectuais e características pessoais do viajante, para a definição dos papéis sociais e hierarquias existentes, observar os critérios que estabeleciam a duração e a área a ser explorada, para a organização interna das viagens e por fim, para as recompensas e prêmios oferecidos ao viajante em razão das atividades realizadas. Para o antropólogo, torna-se fundamental, então, observar como o viajante, o percurso, o meio de transporte e a forma como esse viajante vai divulgar sua experiência que, delimitada pela palavra oral ou escrita, torna o relato menor diante da grandeza do conhecimento adquirido e vivenciado por ele.

As considerações levantadas por Oliveira Filho são importantes no sentido de que entender o horizonte mental de uma época é fundamental para a compreensão de por que Koch-Grünberg diz o que diz, como diz e quando diz ao narrar a Amazônia. É preciso levar em conta que, amalgamado por sua dimensão plural e suas conformações sociais, seus padrões de percepção e os processos e métodos de condução do seu olhar se tornam fundamentais para a inteligibilidade do processo de construção da representação da alteridade por ele encontrada.

Esse entendimento coaduna com as reflexões feitas por Francisco Paz sobre o sentido científico da viagem e a problemática da sua tradição em nossa cultura. Recorrendo às tradições grega, judaico-cristã, oriental, ocidental e até a literária, o autor faz um inventário de como a cultura da viagem está arraigada em nossa tradição ocidental e ajudou a conformar um vasto inventário da natureza e do homem americano através do relato dos viajantes, cujo olhar “corresponde a um exercício privilegiado de investigação e de compreensão da alteridade” (1996, p. 208).

Ampliando suas reflexões, Paz estabelece uma distinção entre o *ver* e o *olhar*: “enquanto o *ver* identifica-se com uma atitude passiva e confunde-se com um dócil deslizamento sobre as coisas, o *olhar* traduz uma atividade do sujeito, um desejo confesso de penetrar nas coisas, de ver de novo” (1996, p. 208). Nesse sentido, *olhar* constitui a atividade executada pelo viajante que busca ultrapassar o simples sentido da visão e preencher as lacunas deixadas com a ampliação da subjetividade.

Indícios de reflexões como essa também são encontrados na narrativa de Koch-Grünberg que, para captar a realidade de forma não superficial, mas minimalista e fragmentada, a fim de melhor compreendê-la, o etnógrafo focaliza seu olhar na observação de detalhes reveladores dessa realidade. Não se pode esquecer que esse olhar aproximado faz uso das lentes do projeto no qual estava inserido. Com o foco assim ajustado, o professor Fábio Carvalho, em artigo publicado na Revista Eletrônica Crioula, afirma que

a viagem científica e seus resultados, quais sejam, o relato etnográfico e a coletânea do lendário, realizados por Koch-Grünberg, foram influenciados diretamente pela intenção de caráter etnográfico de captar a *anima* dos povos indígenas da região Circun-Roraima, cuja escolha se deu em razão do estado “primitivo” dessa população, até então quase desconhecida. O projeto de Koch-Grünberg tinha o objetivo de captar, para usar de um conceito-chave para o romantismo alemão e ainda em voga nesse momento para a cultura etnográfica alemã, a “cor local”, ou seja, o espírito e a alma desses povos primitivos que, por essa razão mesma, podiam servir de explicação para muitas das indagações sobre as etapas evolutivas da humanidade e sobre os diferentes estágios de desenvolvimento das civilizações e das sociedades. (F. CARVALHO, 2009, s/p)

Para a realização desse grandioso empreendimento, inserido no projeto da *Volkerkunde* alemã, um dos instrumentos de coleta de dados utilizados pelo viajante é a fotografia, recurso com o qual buscava melhor captar momentos e situações,

embora montados em muitas ocasiões, que representassem a natureza, a vida e o índio dessa região da Amazônia:

Os índios são fotografados sozinhos e em grupos. Ninguém tem medo do aparelho misterioso. Na verdade, eles até se atropelam para essa tarefa, pois, como pagamento, há tabaco e anzóis para os homens, miçangas e faixas coloridas para as mulheres e crianças. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 59)

Entretanto, para mostrar que essas fotografias estavam a serviço do propósito pretendido, aos olhos do leitor o narrador revela que o uso desse recurso o faz vivenciar diversas circunstâncias, como o risco de perda do material devido a algumas catástrofes ou ao clima da região, trazendo-lhe grandes aborrecimentos:

Embora eu proceda com o máximo cuidado, só revelando fotos à noite e molhando-as no fresco riacho da montanha, em algumas delas a camada se solta em grandes pedaços. Perde-se, assim, um bom número de fotos, que têm de ser tiradas novamente. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 72)

O viajante cientista, porém, não desiste, pois os trabalhos científicos precisam continuar e ele tem consciência dos efeitos causados por uma boa fotografia, especialmente entre os europeus, público a que inicialmente se destinava seu trabalho:

As damas e cavalheiros que, lá na Alemanha, vêem as fotos nas preleções, não fazem idéia das dificuldades com que foram feitas. [...] a quantas causalidades e perigos elas ainda estão expostas! Transportes por terra em caminhos escorregadios na mata, por cordilheiras íngremes, viagens vertiginosas por cachoeiras bravias, passando por escolhos dentados e redemoinhos que bramem. E, no entanto, fotografar é o trabalho mais proveitoso de uma viagem como esta, e uma boa fotografia muitas vezes diz mais do que muitas palavras. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 302)

Para a efetivação desses registros, bem aos moldes do que a Europa esperava “ver”, algumas situações precisam ser criadas, com a montagem de cenários, escolha de personagens e momentos adequados para a perfeição da imagem fotográfica a ser captada:

Manda [o chefe Pitá] que os moradores se pintem festivamente, pois eu disse que queria tirar algumas fotos. Manda todo o seu povo se alinhar. Algumas moças vestiram saias européias de chita. Dou-lhes a entender que não acho isso nem um pouco bonito. Imediatamente, deixam as saias cair e mostram as bonitas tangas de miçangas que estavam usando por baixo da “civilização”. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 59)

Ainda, podemos inferir que a montagem da cena fotográfica tem uma intencionalidade visual, de sentido, do que era esperado pelo público europeu. Solicitar que as índias tirem as “saias européias de chita” e revelem as “bonitas tangas de miçanga” escondidas por baixo da “civilização” nos dá uma ideia de como Koch-Grünberg pretende compor uma cena caracterizando as índias tal qual elas já apareciam caracterizadas no imaginário europeu.

Cerca de 60 anos antes, Edgar Allan Poe já havia discutido em sua Filosofia da Composição¹⁵ como a criação artística é um processo meticulosamente planejado. De maneira análoga, o alemão compõe a fotografia como forma de composição artística e, tendo por base um pressuposto poético, organiza personagens e cenários poeticamente, relegando a segundo plano o caráter científico da composição da cena fotográfica. É possível entender que, sob a perspectiva da filosofia da composição de Poe, ele pretende provocar um efeito poético sobre o público, em um processo de identificação organizado pela via poética arquitetada, composta especialmente para corresponder às expectativas do leitor europeu.

De forma planejada, ele recorre à imaginação a fim de realizar a poetização de elementos bem ao gosto do público europeu e já arraigados no imaginário construído sobre o índio amazônico. Ao narrar a cena, a experiência imaginária em Koch-Grünberg resulta na elaboração de uma imagem literária (subjetiva e simbólica) em que a foto como composição é indício de um princípio poético. Pode-se pensar em um planejamento científico que visava à criação de um produto poético.

Em diversas situações como essa, ele conta com o apoio de Pitá, chefe Macuxi, que faz e traz tudo o que o alemão deseja, já que este havia lhe dito ter sido incumbido pelo governador em Manaus de visitar as tribos e observar os chefes (ele assegura que essa informação não é mentira). Assim, contando inicialmente com o apoio irrestrito e subordinado do chefe Pitá, tem início a coleta de dados do etnólogo, que busca levar adiante seu empreendimento científico com base em diversas formas de registro, além do fotográfico.

¹⁵ No ensaio A Filosofia da Composição, escrito em 1846, o poeta americano Edgar Allan Poe (1809-1849) trata do *modus operandi* de uma de suas obras, O Corvo (The Raven, 1845), procurando mostrar como o poema não foi construído ao acaso ou intuitivamente, mas com precisão e rigor.

Entre outras formas de registro documental utilizado por Koch-Grünberg, estão ainda desenhos feitos pelo próprio viajante (“Essa gente vaidosa sente certa satisfação quando registro suas pinturas em meus esquemas”, p. 59) e desenhos feitos pelos indígenas (“Peço que desenhem a vida que os cerca a lápis, no caderno de rascunhos”, p. 59).

As gravações fonográficas são, ao contrário da fotografia, sua maior fonte de alegria. Inaugurando o uso desse recurso como instrumento de coleta de dados etnográficos, Koch-Grünberg traz da Europa alguns rolos de música gravada a fim de acostumar os índios ao aparelho capaz de reproduzir a voz humana. E, assim, impulsionado pela audição de operetas e polcas alemãs, o chefe Pitá, acompanhado de Pirokaí, “canta no funil” as canções de danças dos Macuxi: *parischerá*, *tukúí*, *murúá*, *oarebã* e *mauarí*, bem como “duas meninas, com suas vozes claras e harmoniosas, cantam as canções insinuantes que acompanham o ralar da mandioca” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 72).

Inédito até o momento, o fonógrafo é capaz de fazer até mesmo o xamã Katúra não se eximir de colocar sua voz dentro do “aparelho mágico”, cooperando com sua “voz forte e anasalada” para a gravação de três rolos inteiros e três cantos consecutivos:

No começo, ele resiste a cantar na máquina, que é como os índios chamam todos os meus instrumentos mágicos. Ele me pergunta, desconfiado, por que quero levar sua voz comigo. Eu lhe prometo uma faca grande. Então ele consente, mas sob a condição de que tudo se realize com o máximo de sigilo e que depois eu não toque seus cantos para ‘as pessoas’. Pelo visto, se não for assim, teme perder sua influência. Pitá põe todo mundo para fora da cabana. Fechamos as entradas e as aberturas das janelas e, no recinto à meia-luz, acontece a mágica. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 73).

Os registros linguísticos são também o forte de sua viagem, tendo registrado cerca de quarenta dialetos: “Dedicamos horas sérias aos registros linguísticos. Sento-me com Pirokaí e meu Wapischána da *serra do Panelão*, cujo nome é Jáni e que não fala uma só palavra de português, e trabalhamos até nossa cabeça ferver” (p. 59). Em outra ocasião, ao tecer comparações entre os Yekuana e os Máku, a preferência (não apenas linguística) por esse último grupo evidencia-se também na forma como descreve o contato linguístico com eles:

Ocupo-me lingüisticamente do Máku solteiro. Ele entende de imediato o que eu quero e pronuncia as palavras primorosamente, e assim não tenho muito

trabalho em anotá-las, uma vez que ele fala um pouco Taulipáng. [...]. O decoro natural desses índios também se mostra nos registros lingüísticos. Ficam sérios, mesmo quando não repito imediatamente uma expressão de maneira correta, ao passo que os Yekuaná e os Guinaú acompanham cada palavra com suas risadas tolas e algazarras, o que dificulta extraordinariamente o trabalho. A língua, por sua vez, é totalmente nova e, tanto quanto posso analisar daqui, sem nenhum parentesco. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 253).

Preferir ocupar-se como registro linguístico de um determinado grupo em detrimento de outro é elemento patente de como essa “escolha” intencional do viajante é oriunda de suas reservas ideológicas, cujos preconceitos (no sentido exato de conceitos elaborados *a priori*) são configurações que sugerem uma desilusão com o outro encontrado:

Enquanto os Yekuaná são, de sua parte, terrivelmente feios e de traços grosseiros, como se tivessem sido talhados com um machado – alguns deles são verdadeiros “tipos de canibais” –, os dois Máku são bonitos e têm rosto bem desenhado. Seu comportamento amável e, ao mesmo tempo, discreto, distingue-os vantajosamente do outro povo. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 253)

Feios, grosseiros e canibais são descrições de um índio que confirmam as informações e opiniões trazidas pelo viajante e seu olhar previamente armado e portador de ideias que também expressa: “Apesar de todo esse trabalho pesado, o pessoal está sempre alegre. Nunca ouvi uma risada tão estridente como a desse povo. Superam até mesmo os negros” (2006, p. 224). Os indícios detectados nas observações feitas pelo viajante revelam a carga cultural do pesquisador que observa e informa como ele vê, olha e compreende o outro, resultando em construções que contribuem para a continuidade do horizonte de expectativas do leitor europeu.

O narrador Koch-Grünberg constrói estruturas textuais envolventes, termo aqui entendido como aquilo que é capaz de prender a atenção do público, de encantá-lo. Ao fazer isso, ele marca seu lugar de interlocutor, resultando em uma narrativa de natureza diferenciada, que passa a ocupar um lugar de ficcionalização por produzir no leitor traços de uma imaginação culturalmente modelada, embora reitere padrões culturais canônicos.

De outro modo, ao narrar a Amazônia, a narrativa de viagem de Koch-Grünberg, claramente definido como sujeito autoral, tem sua voz narrativa como uma autoridade incessantemente reafirmada, seja por meio da perspectiva do ‘Eu’,

seja por meio do 'nós'. Buscando atingir leitores de diversos grupos, a escrita, o relato e o sujeito agente da narrativa de viagem são apresentados na alternância entre várias construções da primeira e terceira pessoas.

Tão recorrente como o 'eu', a primeira pessoa do plural encontra diversas formas de expressão. De maneira mais específica, 'nós' faz a referência ao próprio Koch-Grünberg, ele só: "Nós, europeus desajeitados, para alegria dos índios, afundamos várias vezes até a barriga na lama parda." (p. 103). Em segundo lugar, o 'nós' abrange o grupo maior da viagem, incluindo seu companheiro Schmidt e os índios: "À noite, nós, homens, geralmente ficamos sentados mais uma horinha fumando [...]" (p. 245).

Em outros casos, em sentido lato, o 'nós' faz referência ao 'nosso(a)', evocando toda a população europeia ou alemã contemporânea de Koch-Grünberg ou mesmo a humanidade em geral: "Ocorre aqui o mesmo que, infelizmente, acontece em tantas de nossas famílias" (p. 245).

Koch-Grünberg se apresenta, assim, pragmaticamente como um pesquisador que busca conhecer a fundo as populações indígenas, por exemplo, um especialista em línguas indígenas, e, entre suas numerosas disciplinas, como um colecionador de objetos etnográficos. Assim apresentado, ele se posiciona como um viajante com tradições profissionais e literárias alternativas, descrevendo-se como um cientista natural, um etnógrafo que ambiciona registrar a realidade do povo indígena.

Nas raras passagens autodescritivas, as quais oferecem informação autobiográfica, como o fato de ser casado e ter dois filhos (informação dada por ocasião de uma fotografia), o viajante define-se a si mesmo (mesmo de maneira indireta) pelo seu lugar de nascimento, pertencimento, nacionalidade, língua e religião de modo nebuloso. Assim, ele posiciona-se às vezes continentalmente como um europeu e nacionalmente como um alemão. O termo "compatriota" (como uma referência aos alemães) é usado de forma sentimental, quando o viajante, por exemplo, chama os irmãos Schomburgk de "compatriotas".

Como forma de autodescrição também, podemos apontar as experiências da infância e da adolescência lembradas por ele como capazes de permitir uma compreensão concreta de seu passado e registrar suas impressões: "Com o vento fresco, o fogo se alastra em vertiginosa velocidade, despertando em mim lembranças da paixão de minha adolescência, só que aqui não é preciso fugir do guarda florestal." (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 100).

Dessa forma, é no diário de campo que o cientista registra suas impressões e, “Tratando-se de relatos de viagem, o termo mais apropriado para designar os relatos não alegóricos talvez fosse impressionista, pois é historicamente atestado e sugere bem que o viajante se contenta em nos comunicar suas impressões, sem procurar nos ensinar ‘outra coisa’.” (TODOROV, 2006a, p. 239). De caráter impressionista, o relato de viagem se configura, assim, como uma forma narrativa, cuja “dimensão utilitária”, no dizer de Walter Benjamin (1994, p. 200), alimenta o imaginário do leitor e confere valor¹⁶ ao texto.

Ao narrar a Amazônia, as impressões assim registradas por Koch-Grünberg no volume I da obra **Do Roraima ao Orinoco** põem em cheque as tênues relações entre fato e imaginação, entre observação e interpretação, entre verdade e verossimilhança, entre estar presente no momento e local observado e descrevê-lo para o leitor. Produto da subjetividade do narrador, os recursos por ele utilizados para o registro dessas impressões fortalecem sua autoridade de narrador e reiteram a tensão entre ficção e realidade.

2.2 Do espaço e tempo na descrição da natureza e do índio

Ponderar como um viajante com a formação de Koch-Grünberg constrói imagens da natureza e do índio não é possível sem antes consubstanciar estas ponderações com os propósitos científicos que regem sua viagem, já examinados anteriormente. Deter-se nisso, no entanto, faz-nos pensar na viagem como simulacro, em que o viajante, na pretensão de produzir um relato absolutamente objetivo e realista, subverte a circularidade das ideias ao almejar ser uma espécie de atalaia do conhecimento científico do qual é mensageiro. A realidade, assim, está contraposta à ficção.

Será?

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994), ao discorrer sobre o narrador no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, constrói diversos apontamentos que permitem a reflexão em torno do ato de narrar,

¹⁶ Interessante pensar aqui no relato de viagem como objeto que tem a função de propagar determinadas ideologias e cujo valor é construído tanto pelo viajante quanto pelo narrador.

considerado pelo autor uma das mais antigas formas de expressão popular. Recolhida da tradição oral, na concepção de Benjamin a narrativa é fruto da experiência acumulada ao longo da vida, sendo o ato de narrar uma forma de realizar intercâmbios entre as experiências vividas, necessitando, para tanto, da memória, responsável pelas lembranças.

Referindo-se ao narrador, o filósofo pondera que “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo” (BENJAMIN, 1994, p. 221). Para tanto, ao narrar, ele engendra uma série de acontecimentos que implicam em personagens circulando e interagindo em um lugar e tempo determinado¹⁷.

Pensando no narrador Koch-Grünberg, o desejo de ir em busca de lugares como os descritos nos relatos que leu e encontrar o outro detentor de carga cultural diferente da dele são ambições que ele cultivava desde muito jovem, como registra em seu diário:

Observo as fotos de Hohentwiel, que conheço tão bem, e sinto-me transportado para vinte anos atrás, para a época em que, jovem estudante alegre e com sede de viver, entusiasmado por tudo o que há de belo na natureza, saía da velha Tübingen para os locais do romance Ekkerhard, de Scheffel, e passava horas a fio sonhando no alto da enorme rocha, entre ruínas de antigo poder e glória. Já faz tanto tempo! Os sonhos indefinidos do jovem tornaram-se realidade. Naquela época em Tübingen, em vez de estudar filologia clássica, que é o que eu deveria estar fazendo, eu escrevia com cuidado, em cadernos separados, as línguas indígenas que Martius coligiu antigamente, ordenadas segundo as famílias lingüísticas; agora eu mesmo estou sentado aqui entre os índios e me torturo dia após dia com os intrincados sons do Makuschí e do Wapischána. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 68)

A menção ao lugar de origem é simbólica e o tom sentimental não encobre um pensamento mais profundo. Buscar na memória a lembrança de que seus “sonhos indefinidos” na juventude o levaram a estar sentado, entre índios, o faz sentir reproduzindo os passos de viajantes em relatos de leituras feitas de forma tão entusiasmada quanto sua alegria e sede de viver. A narrativa proveniente de memórias tão subjetivas induz-nos a fazer eco com a consideração de Todorov, para quem a narrativa

¹⁷ Na opinião de Cléo Busatto, “o contador narra para se sentir vivo, para transformar sua história pessoal numa epopéia, uma narrativa essencial” (BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Tradição e Ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 17).

[...] se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra a força, mas se constitui na tensão das duas. (2006b, p. 20-21)

No conceito de Todorov, a narrativa é construída pela tensão de duas forças: a mudança e a organização dos acontecimentos. Por estar ligada à história e à sucessão de acontecimentos, em que passado-presente-futuro estão imbricados para dar-lhe sentido, a narrativa é, nesse sentido, história e discurso. É história por fazer referência a uma realidade com acontecimentos e personagens semelhantes aos da vida real. Ao mesmo tempo, é discurso devido à existência de um narrador que conta uma história para um ouvinte ou leitor, estruturando sua narrativa com base em recursos que recriam a realidade e os acontecimentos.

A confluência dessas duas tensões pode ser exemplificada no trecho em que o viajante alemão narra sua descoberta depois ouvir diversas referências feitas pelos índios a “Samburukú”, cuja revelação lhe vem “como um raio”. Descobrimo que se trata dos irmãos Robert e Richard Schomburgk (os primeiros brancos a viajarem por aquela região, de 1840 a 1844), percebe que os índios lembram com simpatia diversos episódios da passagem dos irmãos por aquelas terras, transformados em lenda pelos índios (na lenda, eles foram fundidos em uma só pessoa). Narrando emocionado os legados dos seus “compatriotas”, Koch-Grünberg exclama: “E ainda há gente que afirma que os povos primitivos não têm tradição!” (2006, p. 105).

O viajante, assim, apresenta ao leitor personagens conhecidos do público europeu (a viagem dos irmãos foi narrada por Richard Schomburgk e publicada em 1848), ao mesmo tempo em que se posiciona acerca da simpatia despertada nos índios por esses viajantes europeus. Nesse caso, lembrar com simpatia de viajantes compatriotas é prova que, para o pesquisador, o índio, como povo primitivo, tem tradição. Não simpatizar, ao contrário, constitui a prova da irracionalidade e falta de tradição.

É possível depreender que viajantes como Koch-Grünberg, ressalvadas as diferenças de personalidade, formação e estilo, se posicionam discursivamente como porta-vozes da civilização e herdeiros da cultura europeia. Sendo assim, ele

se acredita capaz de reconhecer as diferenças físicas e sociais, fazendo suas observações com base em princípios comparativos, assumindo a posição de pesquisador instruído e com formação cosmopolita.

Suas reflexões, descritas a partir de experiência vividas em bases racionais, também são reveladoras de que se sujeitou, altaneiramente, a enfrentar situações de extremo choque cultural: “A gente se serve com os dedos, engole depressa para não perder nada e cospe as espinhas para todos os lados. Um modo de comer humilhante para um europeu educado!” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 234).

Aqui ele se utiliza do subterfúgio da auto piedade para valorizar sua posição de sujeição ao trabalho sério de pesquisador, mostrando ao leitor ao que ele precisa se submeter para trazer a público uma pesquisa com realidades fruto de seu sacrifício e trabalho... Além disso, também funciona como uma forma de dar ao leitor uma noção da diferença, tendo em vista que serve, ainda, como maneira de dizer-se tão índio quanto os índios e de marcar a si mesmo como amigo dos índios, ou quase índio, posição que o coloca em um entrelugar (no limiar de duas culturas em choque a partir dos costumes diferenciados que cultuam) privilegiado.

Um lugar como esse, descrito pelo viajante como capaz de submetê-lo a uma situação humilhante, é o mesmo lugar tantas vezes visitado pelos viajantes que o precederam. Para tratar do lugar descrito tanto pelos viajantes quanto pelos artistas é preciso primeiramente entender o que é “lugar” em suas correlações com os discursos literários e culturais. Cooperando para esta definição, Jobim (2005, p. 42) esclarece que

Um lugar é, antes de mais nada, uma construção elaborada por várias gerações de homens e mulheres que nele habitaram ou por ele passaram, e que ajudaram a formular o sentido que tem. Ele é constituído por redes públicas de sentido, formadoras de subjetividade. Nele se constituem interpretações públicas simbolicamente mediadas, inclusive sobre o sentido deste lugar e sobre o que significa estar inserido nele. [...]. Lugares têm sempre história, e mesmo o apagamento de certos elementos constitutivos da história do lugar também é decorrente de razões históricas.

O lugar Amazônia (e, por extensão, o Brasil) descrito nas narrativas pode ser, então, considerado como metáfora sempre a ser alcançada. O discurso do viajante reverbera em um vazio que se torna o principal motivador de uma insistência de fala. Os discursos sobre a Amazônia, portanto, só poderiam desembocar em várias

amazônias, traspassadas com frequência pelo olhar histórico e antropológico, mas ainda assim ficcional.

É assim que, entrecortado por rios e coberto pela densa floresta, o vasto ambiente amazônico oferece ao viajante um abundante cabedal simbólico para exprimir as histórias que circulam nos rios, lagos, igarapés e matas. Esses lugares constroem um cenário infinito que oculta os mistérios preservados pela natureza e apenas revelável aos escolhidos que possuem olhos e ouvidos suficientemente capazes de interpretar cada sinal e pista deixada pela natureza, como bem lembra João de Jesus Paes Loureiro,

O espaço infinito põe a visão e o espírito em repouso. A *encantaria* é a quebra dessa regularidade do olhar pela diversidade da imaginação. Além da aparente “monotonia do sublime” provocada pela natureza magnífica da geografia (dita por Mário de Andrade), há um mundo revolto de boiúnas, botos, mães-d’água, iaras, curupiras, porominas, etc. Enquanto o olhar contempla em repouso, o espírito trabalha incansável nas minas subjacentes da imaginação. (2003, p. 27)

É essa Amazônia como espaço ainda a ser conhecido e decifrado que se revela aos olhos de Koch-Grünberg. Ainda que a veja com o mesmo olhar dos aventureiros do século XVI e a imagine como a terra de selvagens, ele a observa com o olhar do veio poético, transformando o que vê em imagens simbólicas, como nuvens ruborizarem-se com o beijo do sol.

2.3 Dos encontros reais ou imaginados com o Outro

Em **Olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação, Mary Louise Pratt (1999) contextualiza as viagens de europeus com foco no contato do estrangeiro com o nativo, investigando igualmente interesses e momentos distintos em que se deram, tomando como ponto de partida o espanto como descoberta, o olhar curioso sobre o exótico e o desejo de atingir o leitor ideal do Velho Mundo. Ao destacar a importância dos relatos de viagem no estímulo aos empreendimentos expansionistas e sua repercussão junto ao público leitor metropolitano, a autora critica a ideologia imperialista e “como os livros de viagem de europeus sobre regiões do mundo não europeu chegaram (e chegam) a criar a ‘temática doméstica’ do euroimperialismo” (PRATT, 1999, p. 28).

Associado ao fenômeno da “zona de contato”, Pratt analisa esse contato problematizando a interação entre colonizador e colonizado e as práticas de subordinação e resistência resultantes do processo do expansionismo político e econômico imperialista. Não é isso o que acontece, sob a ótica do narrador Koch-Grünberg, em sua relação com o índio:

Eles amam o branco que veio de longe até sua terra, tão diferente dos brasileiros mestiços que, de tempos em tempos, visitam sua aldeia e levam consigo os rapazes para trabalhar para eles, os quais só voltam depois de alguns anos e não querem saber mais nada dos costumes antigos. Amam o branco porque não se julga melhor do que eles, porque vive com eles, como um dos seus, caça com eles, bebe com eles, dança com eles. (2006, p. 67)

Entretanto, a partir dessas reflexões podemos avaliar aspectos como a preponderância do discurso do colonizador sobre os povos subordinados, as dimensões interativas e improvisadas entre os “sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas” (PRATT, 1999, p. 32), as práticas de representações dos europeus e a legitimação da ideologia imperialista pelas narrativas de viagem.

Acerca dessas narrativas, as críticas feitas pela autora destacam o contexto histórico nos quais foram produzidas, transmitindo a ideologia imperialista por conta dos contratos assumidos pelos viajantes que legitimavam posturas e intenções do império em relação aos povos dominados. É sob esta perspectiva que Koch-Grünberg tece comentários sobre o que ele considera como “indolência” e desonestidade do índio, desculpando-o perante o público europeu numa clara demonstração de reiteração do ideal rousseauiano:

Não se deve levar essas pequenas desonestidades dos índios tão a sério. Como as crianças, eles não têm um senso de responsabilidade acentuado, especialmente em relação ao branco que é sempre amável com eles e com o qual convivem temporariamente. [...]. Também não é preciso supor, sem mais nem menos, que se trate de má fé. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 140)

Igualmente, sob a perspectiva da alteridade, Todorov (1999) baseia seus estudos nas intenções e atitudes dos viajantes, avaliando o contato das culturas europeia e americana, cuja conquista “anuncia e funda nossa identidade presente” (1999, p. 6). O autor faz a distinção entre as diferentes formas de atuação dos conquistadores, definindo três eixos: um julgamento de valor em que o outro é bom ou mau; a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro

(identificação ou assimilação do outro, que implicava a imposição da imagem do europeu); e a indiferença a partir da qual se conhece ou ignora o outro (1999, p. 22).

Como já dito anteriormente, uma viagem é capaz de provocar o surgimento de zonas de contato (PRATT, 1999, p. 31) que, por serem espaços de encontro com o Outro, levam o viajante a selecionar e ficcionalizar a realidade a partir dos elementos a ele transmitidos pela cultura dominante. No relato de Koch-Grünberg, esse encontro com o Outro, além de trazer experiência, revela as transformações operadas no viajante:

De manhãzinha sou despertado pelas vozes da savana. Como elas me lembram Mato Grosso, com sua flora e fauna tão parecidas! Mas como é diferente o modo como ouço e sinto hoje essa singular vida selvagem. Naquele tempo, é verdade que eu olhava tudo aparentando coragem, interiormente, porém, tinha os olhos assustados. Hoje, nada mais me é desconhecido. Toda essa natureza grandiosa tornou-se íntima minha como um velho conhecido. Eu a entendo quando ela fala de maneira amigável comigo e também não a temo quando se opõe a mim com hostilidade, pois eu a conheço e sei como enfrentá-la. (2006, p. 37)

Sentir-se um viajante que não mais teme a natureza americana por ter aprendido a enfrentá-la e se tornado íntima dela é um indício forte de como Koch-Grünberg se constrói discursivamente como um herói aos olhos do leitor. Herói porque sabe, como aventureiro, enfrentar a grandiosa natureza e, como cientista, consegue levar adiante sua pesquisa a despeito dos perigos com os quais é confrontado diariamente.

Na apresentação ao livro de Neide Gondim, **A Invenção da Amazônia**, Márcio Souza nos informa que a obra trata “de uma explanação efetiva do processo de construção ideológica de um território, parte do conjunto de mitos e fabulações pelas quais os pensadores europeus inventaram a América” (2007, p. 9). No livro, a autora refaz os passos de filósofos e viajantes europeus que trataram do homem e natureza amazônica em suas reflexões e relatos. Cada um desses viajantes, nos lembra ainda Márcio Souza, “exercitou no imaginário uma viagem de descoberta, formando um mosaico de preconceitos. E estes preconceitos engendraram a Amazônia” (2007, p. 10).

Também em busca de resquícios no discurso dos viajantes, Flora Süssekind, no ensaio **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**, distingue este viajante cientista como sendo um observador atento sempre em busca de novos objetos para observar e que pudessem ser descritos para uso da ciência:

Como se, não bastando o simples registro de uma vista, fosse necessário delinear com nitidez ainda alguma árvore, espécie vegetal de pequeno porte, algum homem em atividade característica ou apenas passando. Como se uma prancha devesse cumprir papel de várias. Como se numa estampa se devesse dar conta de uma multiplicidade de espécies existentes ou atividades possíveis naquele exato local. (SÜSSEKIND, 1990, p. 118)

Theodor Koch-Grünberg, na intenção de catalogar línguas indígenas, integra também este grupo de pesquisadores científicos movidos pelo impulso classificatório. Todavia, em oposição ao explorador comum que busca o desconhecido, ele vai ao encontro do que já havia sido descoberto por outros exploradores e, como etnógrafo (um cientista, portanto), coleta objetos e registra as línguas indígenas, decifrando o outro a partir de seus códigos culturais.

Essa consciência por parte do viajante é exemplificada no trecho abaixo em que ele justifica a superioridade de seu empreendimento científico em detrimento a de um mero aventureiro, assim como demonstra sua dependência da boa vontade de seus guias índios em levá-lo adiante:

Neste ermo somos totalmente dependentes dos índios, já que não conhecemos o caminho e não temos outras pessoas em quem possamos confiar. Ou será que deveremos abrir caminho sozinhos, como aventureiros, e abandonar a bagagem, as coleções, as anotações, fruto de uma longa viagem que já foi suficientemente arriscada? (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 293).

Assolado pelas dificuldades do trabalho de campo, podemos pensar que a produção de imagens etnocêntricas por parte do narrador resvala na redução do outro. Na intenção de traduzir o outro, ele aponta as diferenças e os elementos da cultura do outro imperceptíveis para quem não estava preparado. É o que ele faz na sua descrição dos Yekuana, povo com quem não conseguiu estabelecer relação de empatia:

Nunca encontrei índios que se ofendessem tão facilmente quanto estes. Aconteceu o mesmo entre Schomburgk e essa tribo. São extraordinariamente caprichosos: uma característica que chamou minha atenção em Manduca já durante a viagem, o protótipo de seu povo inconstante. Seu estado de espírito muda como o céu na época das chuvas. Hoje, quase nos matam de tanta amabilidade, amanhã, mal prestam, atenção em nós. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 247).

As relações entre o viajante e o outro são construídas com base nos princípios da identificação e estranhamento entre os dois, conduzindo ao surgimento de uma alteridade em que a face oculta do estrangeiro é também entrevista aos olhos do Ocidente através do discurso erigido no relato de viagem. Sua condição superior, bem como a intimidade do estrangeiro com os índios, é expressa na ocasião em que, navegando entre “ilhas cobertas de mata”, os índios acreditam ter visto canoas dos Waika, uma brava tribo:

“Duas canoas dos bravos Waika” transformam-se, quando vistos de perto, num tronco de árvore escurecido pela idade e pela maré. Olhando pelo binóculo, reconheci imediatamente a verdade e ri a valer dos índios, que tanto se gabam, perante o europeu, de sua acuidade visual. Fiquei novamente admirado com a fantasia do índio, que se torna cada vez mais exagerada à medida que o medo aumenta. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 198)

O viajante justifica a fantasia do índio como resultante do medo exagerado que sente tanto do que não pode compreender como o que não pode enfrentar. Rir do outro é um sinal de intimidade entre o viajante e o índio, e, nesse ponto, outro aspecto merece ser apontado nessa relação: é a perfeita adequação de Koch-Grünberg ao lugar. Ele toma caxiri e come rãs, entre outras demonstrações de sua integração, embora realize as descrições sempre sob a perspectiva do exótico.

Alguns atos que auxiliam nesse processo de coesão social entre o estrangeiro e o índio são executados por esse último, justificados como uma reação ao diferente e ao exógeno, fazendo o estrangeiro passar por rituais que o integrem à tribo, mesmo temporariamente. Como uma espécie de ritualização (aceita pelo viajante de forma voluntária), temos, como exemplo, a descrição de uma festa dos Yekuaná onde receber chicotadas é o ponto alto da festa.

Fica evidente que, para não parecer um relato fictício ou desprovido de subjetividade, Koch-Grünberg e seu companheiro também precisam receber as três chibatadas, “atenuadas pela roupa” (2006, p. 297), para alegria do velho índio responsável pela distribuição das chibatadas. Passar por um ritual como esse se faz necessário para o viajante na medida em que precisa vivenciar na prática as situações, a fim de descrever com mais exatidão e riqueza de detalhes para o leitor, assim como ganhar a confiança de seus informantes. Essa estratégia é apontada por Jobim:

Todo narrador, por mais engenhoso ou criativo que se pretenda, ao visar como leitor um membro de uma certa comunidade, lança mão de recursos e possibilidades normatizadas e socialmente disponíveis, para que possa atingir sua finalidade, qualquer que seja. [...]. Se a narrativa se dirige a um outro – o seu leitor implícito –, pode-se também presumir que está embutida nela um certo desejo de que seja compreendida, legitimada, avaliada, reconhecida, inclusive, como narrativa. Afinal, ela pertence a uma cultura, inscreve-se em uma história social, insere-se em um sistema de convenções, que regulam inclusive sua forma, seu gênero etc. (2002, p. 149)

É nesse sentido que Todorov (2006a, p. 240) assinala duas importantes características no relato de viagem: a tensão equilibrada entre o sujeito observador e o objeto observado e a localização espaço-temporal das experiências narradas. Isso indica a existência da necessidade de descrever como, de forma empírica, o viajante construiu cada experiência de campo. Reiteramos aqui, no caso de Koch-Grünberg, sua ligação com o projeto da *Völkerkunde*, o que determina mais ainda a maneira como ele, como sujeito observador, deve se relacionar com o objeto observado, localizado em um tempo e em um lugar específico.

No encontro com o outro, convivem em Koch-Grünberg o viajante, o cientista, o pesquisador e o narrador, sobrepondo pontos de vista que dão mais intensidade ao complexo ato de narrar. Essa complexidade é expressa na necessidade que ele tem de sair de si para se abrir ao outro, cuja diferença inevitável é perseguida pelo viajante em caminhos ermos e sinuosos. O resultado dessa busca é a inauguração de um percurso narrativo próprio, sem a precisão de guias, como na realidade objetiva.

Ao postular um estatuto ficcional para a narrativa de Koch-Grünberg, esperamos poder ter deixado claro que não assumimos uma divisão rígida e estanque entre o fictício e o real. Neste trabalho, transitando entre uma fronteira e outra, concordamos com a tese postulada por Iser (1996b), para quem enxergar a ficcionalidade significa assumir que o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição desse real, sem que seja preciso retirar dela os atributos que definem a realidade.

Repleto de pistas e rastros, os caminhos percorridos por Koch-Grünberg em seu diário indicam o cumprimento de sua missão profissional, comprovadas através das imagens grandiosas e meticulosamente captadas, mesmo que pareçam ficcionais. Mais ainda, o que chama a atenção em seu texto são os indícios que revelam que muito do visto, ouvido e sentido no contato com o outro, dadas as

impossibilidades de compreensão, por falarem à sua subjetividade não poderiam ser tão facilmente interpretadas a não ser via linguagem poética, nossa próxima trilha.

3 NO QUAL SE FALA DA “ANGUSTIANTE TRISTEZA” DAS SAVANAS E OUTROS INDÍCIOS POÉTICOS ENCONTRADOS NO DIÁRIO

“[...] *eles* [os campos imensos (savanas)] *têm seu encanto, sua beleza, apesar de, ou, talvez, justamente por causa de sua angustiante tristeza.*”

(KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 48)

No início da expedição, partindo de São Marcos para visitar os índios do norte, Koch-Grünberg percorre os imensos campos da savana¹⁸. Essa caminhada é descrita como repleta de obstáculos que o viajante precisava enfrentar junto com seus companheiros, já acostumados com o trajeto. Longos trechos inundados, travessia com água na cintura e lama mal cheirosa, sol escaldante, ausência de qualquer tipo de sombra, inúmeros mosquitos, a carga pesada, o solo que tortura e machuca os pés: esses são alguns dos obstáculos que o alemão precisou transpor.

Em suas observações da viagem, ele não podia descrever seu enfrentamento da natureza selvagem de maneira simples e objetiva. Era preciso que o leitor partilhasse com ele as mesmas sensações que havia sentido. Era preciso deixar claro que seu impulso inquiridor de cientista sabia conviver com sua atitude pessoal ao chocar-se com o diferente, o novo, o imprevisto, com o não-civilizado. Era preciso que o leitor percebesse nos detalhes de sua narrativa a consubstanciação entre as dimensões plural e singular do Koch-Grünberg cientista e do Koch-Grünberg homem, ambos capazes de grandes feitos, como só os heróis são.

Diante do exótico, sua capacidade de constante estranhamento é revelada nas descrições sensoriais e emocionais que realiza desses obstáculos: “longos trechos inundados e quase intransponíveis”; “incubadora de inúmeros mosquitos de todo tipo e tamanho”; “campos faiscando de calor”; “lama mal-cheirosa que prende nossos pés”; “língua gruda no céu da boca”; “pouca saliva é amarga como quinino”; “pensamentos também secam”; “inúmeros cupinzeiros pontiagudos”; “olhos torturados pelo ar cintilante”; “vegetação é quase mais desanimadora do que a fauna”; “sensação de uma enorme tristeza e abandono” (2006, p. 47-48)...

Enfim, essas sensações hiperbólicas são provocadas pela paisagem e passagem pelas savanas, campos que parecem infinitos e cujo encanto e beleza são provavelmente decorrentes de sua “angustiante tristeza”. Nessas descrições apresentadas ao leitor de forma extremamente sensorial percebemos indícios de

¹⁸ Viagem relatada no capítulo 3 de suas observações de viagem.

algumas intenções dentro do discurso do narrador, como fazer o leitor “experimentar” o vivido pelo heroico viajante, destacar a grandiosidade da natureza exótica¹⁹, estabelecer parâmetros ideológicos comparativos entre a civilizada Europa e o “bárbaro” campo de pesquisa, reiterando conceitos etnocêntricos tradicionalmente arraigados.

Seja como for, existem variadas possibilidades de tentativa de definição da natureza e significação poética no texto de Koch-Grünberg. De algum modo, guardadas as diferenças quanto aos apontamentos oferecidos, deparamo-nos com alguns aspectos que são inerentes à obra literária e, portanto, são, vale repetir, de algum modo definidores, senão norteadores, do caráter literário do seu texto.

Nesse aspecto, lembramos a relação do conceito de literariedade com uma espécie de dimensão estética que promove novas relações de sentido através do trabalho com a linguagem. Assim, a presença de elementos como o uso da função poética da linguagem e a presença da plurissignificação, constitutivas da criação literária, são componentes que pressupõem que a narrativa do alemão é resultado também do fenômeno da literariedade, embora isso exija uma outra discussão devido ao complexo caráter desse conceito e suas implicações teóricas. E isso aponta para outro aspecto deveras significativo no tratamento que damos ao seu texto: a intenção de Koch-Grünberg em provocar o prazer estético em seu leitor.

Para tanto, no processo de escritura e sistematização de seus registros, visando à publicação, ele se detém nessa escritura, joga com as palavras e seus recursos linguísticos, transgredindo algumas regras da linguagem de forma a liberar a imaginação. Ainda, podemos deduzir que ele busca um efeito sinestésico da mesma forma que a poesia simbolista (final do século XIX), cujas propostas estéticas do movimento, a despeito de pregarem a negação de uma explicação meramente racional do mundo, sugeria uma compreensão maior do ser a partir de uma analogia sensorial das coisas.

Esse ideário estético do Simbolismo, de certa maneira, vai ao encontro da necessidade de representar o mundo observado tal qual sentido, vivenciado e experimentado, estabelecendo uma espécie de conexão entre o mundo abstrato e o

¹⁹ Descrever a natureza não é objetivo da viagem, mas a natureza é, em grande medida, responsável pelos obstáculos à pesquisa, o que engrandece ainda mais o projeto científico. Em ‘defesa’ dela, Koch-Grünberg afirma: “Os homens são a nota dissonante na alegria que essa natureza grandiosa provoca”. (2006, p. 198).

mundo concreto por meio de uma linguagem poética calcada na correspondência entre os sentidos, a sinestesia. Assim, embora não seja poeta, ao fazer uso de uma linguagem de bases profundamente sensoriais, ele intenciona, com isso, estabelecer um processo de aproximação sinestésica com o leitor – um indício evidente de que usa do processo poético para se aproximar do leitor/fruidor.

E as imagens subjetivas elaboradas nos caminhos percorridos pelas savanas revelam isso:

Não são caminhos verdadeiros, segundo nossos conceitos civilizados, mas estreitas trilhas indígenas, nas quais é preciso pôr um pé na frente do outro; muitas vezes são profundas, de modo que o pé escorrega, e a ferida, que mal cicatrizou, volta a abrir. Também não são campos contínuos, mas duros tufos de grama isolados elevando-se do chão arenoso e transformando em tortura a marcha dos pés machucados sob a carga pesada. Nesse caso, somente muita força de vontade nos ajuda a prosseguir. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 47)

Com essa força de vontade que o instiga a seguir adiante em sua aventura em busca do ideal do saber universal, Koch-Grünberg acaba reatualizando os desafios de Ulisses. O etnógrafo, no entanto, vislumbra em sua viagem o ideal do triunfo da ciência, enquanto Ulisses almeja alcançar vitória sobre o mito. Entretanto, por estar realizando grandes feitos, como os heróis, acredita-se superior aos demais viajantes (e até mesmo aos “etnólogos de gabinete”) por ter vencido os desafios da grandiosa natureza e alcançado suas metas.

Como um exercício de alteridade, a viagem orienta o viajante a olhar o outro e o lugar pelo outro habitado a partir das diferenças entre sua cultura e a do outro, que, geradoras de sentidos polissêmicos, necessitam ser observadas e conectadas empiricamente. Assim, detentor de outras formas de descoberta da verdade, o viajante-cientista é capaz de, além de atender às expectativas intelectuais e aos interesses pragmáticos de sua pesquisa, ainda satisfazer a curiosidade de seus leitores.

A fim de compreender esse “poder” contido no discurso no viajante, é preciso pensar nele como um viajante perpassado pelas transformações do fim do século XIX, ambicionando ordenar o mundo e integrante de um projeto audacioso de busca da verdade. Seu olhar esquadrihador faz referência ao conceito de poder segundo

Michel Foucault, com o poder de dar nome às palavras e às coisas e ser capaz de produzir efeitos de verdade com isso²⁰:

Fui eu que descobri o nome da tribo Taulipáng. Esses índios são chamados de Yarikúna pelos Wapischána e, por conseguinte, também pelos brancos. Todos os viajantes anteriores, como os irmãos Schomburgk, Appun e Brown, entre outros, chamam-nos de Arekuná. Yarikúna, Arekuná ou Alekuná era como eles, a princípio, se autodenominavam também para mim. Somente após convivência mais prolongada com eles é que eu soube que o verdadeiro nome de sua tribo é Taulipáng, e também vi isso confirmado pelos textos que registrei de sua língua. Quando, mais tarde, voltei a São Marcos e contei a Neves que Taulipáng é o verdadeiro nome da tribo de todos os índios do Surumu até o Roraima, ele riu de mim e disse: “Já faz dez anos que vivo com esses ‘Yarikúnas’, e esse doutor alemão, que está aqui há apenas alguns meses, quer me ensinar!”. Chamou alguém do seu pessoal, um “Yarikúna” das proximidades do Roraima, e lhe perguntou: “De que tribo você é?”. Resposta: “Yarikúna!”. Risada de triunfo. Então eu lhe perguntei: “Como é que vocês chamam a si mesmos?”. Resposta: “Taulipáng!”. Dessa vez, quem riu fui eu. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 58)

Essa citação, embora extensa, traz um episódio que revela o poder de nomear do qual o viajante se sente possuidor. Esse esforço de classificação e sistematização presente nos relatos de viagem (principalmente a partir das últimas décadas do século XVIII) revela a constante ambição humana de decifrar a natureza e o homem. Para tanto, os enfrentamentos e embates culturais surgidos nos contatos de decodificação da heterogeneidade da cultura são também traduzidos a partir das tentativas de encontrar um equilíbrio para a tensa relação entre a razão e a emoção.

Nessa luta entre razão e emoção, não há vencedor ou perdedor. Na esteira desse processo discursivo, por precisar informar à cultura ocidental o que viu e coletou, o viajante acaba corroborando com a manutenção de conceitos e ideologias propagadoras de homogeneidade e uniformidade e, nesse desígnio, exerce seu poder de nomear e faz de seu diário um inventário das diferenças. Para tanto, em suas práticas discursivas, ele desautoriza aquilo que contraria ou provoca interferência na ordem das coisas, sempre em contrastes polares presente-passado e civilização-barbárie²¹.

²⁰ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

²¹ Entendemos aqui a ideia de barbárie como aquilo que se encontra diametralmente oposto à ideia de civilização, não como etapa que precisa ser superada no processo civilizatório, já que Koch-Grünberg parece defender o ideal rousseauiano do índio intocado, não marcado pelos efeitos da civilização, nocivas a ele.

Em **Do Roraima ao Orinoco**, Koch-Grünberg é o viajante que oscila entre polos tão distintos. Como cientista, o viajante normatiza e classifica, traduzindo a racionalidade temporal e espacial do seu mundo de origem sob a perspectiva do conhecimento científico. Como homem, o espanto e o estranhamento provocados pelos choques culturais e pelo contato com o outro só encontram sua forma de manifestação na subjetividade. Assim, enquanto viaja, vai deixando o caminho marcado por pegadas poéticas. E é assim que seu discurso se constrói. E é em busca dessas pegadas que seguimos após ele.

3.1 Dos rastros poéticos no relato de Koch-Grünberg

Em **A Poética do Espaço**, ao fazer referência ao momento em que uma imagem inaugura um momento de novidade, Gaston Bachelard adverte que “É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem” (2000, p.183). A esse momento ele chama de “instante poético”, e isso quer dizer que o imaginário se manifestou a partir de algo que se tornou próximo ou familiar ao que foi vivenciado pelo narrador viajante, como observado na comparação entre os tortuosos caminhos da savana e os civilizados caminhos europeus.

Para Bachelard, estar presente ao momento se faz necessário devido ao caráter dinâmico da imagem, como ele aponta na Introdução de sua obra: “por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio” (2000, p. 183). Essa dinamicidade característica da imagem poética, considerando sua fugaz captação, revela ainda a impossibilidade de tradução desse instante por meio de toda e qualquer forma de linguagem. Por sua frágil singularidade, tentar expressá-la, muitas vezes, torna-se um trabalho em vão...

Enquanto estamos lá fora olhando as estrelas, onças pardas pequenas e grandes miam e uivam não longe de nós na savana. Os índios dizem que elas se alegram com o luar. Da borda da mata, um jaguar, um velho senhor perigoso também para os homens emite seus inquietantes sons de dentro do peito. Dizem que aqui há muitos desses predadores. Que cascavéis também aparecem com frequência. Que, no ano passado, um jovem foi mordido perto da maloca e morreu logo a seguir. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 350)

A diversidade captada pelo ‘olhar sedento’ de momentos especiais, no caso do episódio acima, também tenta ser expressa pelo viajante de forma minimalista. E, para isso, ele tem dois trabalhos: além de descrever a imagem captada aos olhos do leitor, ele precisa despertar também as sensações vividas no coração do leitor. Desse modo, “Viver, viver verdadeiramente uma imagem poética, é conhecer, em cada uma de suas pequenas fibras, um devir do ser que é uma consciência da *inquietação do ser*. O ser é aqui de tal maneira sensível que uma palavra o inquieta”. (BACHELARD, 2000, p. 163)

Bastante discutida nos textos bachelardianos, a chamada imagem poética estabelece uma relação entre arquétipos adormecidos no inconsciente e a imagem poética recém-criada, que não é mais aquela que o indivíduo observou como imagem primeira, posto que já transformada pela memória. Sob este prisma, a imagem primeira liga-se diretamente à imagem dita poética através de lembranças passadas:

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado, é antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. (BACHELARD, 2000, p. 183).

A repercussão destes ecos vai distanciar a imagem poética da realidade que a originou, tornando-se independente e assumindo um significado muitas vezes diferente do primeiro. Essa nova imagem, assim, passa a constituir outra realidade, criando um universo poético novo e diferente que pertence em grande parte à realidade do mundo imaginário.

É assim que, no relato de Koch-Grünberg, diversas imagens retomadas de discurso anteriores ou construídas em seu diário passam a integrar o imaginário sobre a região: “Nas baías tranqüilas, o *manati*, a disforme sereia dos rios, estica seu focinho engraçado para fora d’água, para comer as plantas das margens com ímpeto insaciável” (2006, p. 35).

Estas imagens, em sua simplicidade poética, por fazerem referência à Amazônia e suas interpretações, adquirem caráter muito mais complexo, tendo em vista que “diante do rio e da mata amazônicas, quase genericamente, nenhum

[narrador viajante] se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial” (GONDIM, 2007, p. 77).

Isso porque, para muitos pesquisadores e viajantes interessados pela Amazônia, a selva apresenta-se como um manancial inesgotável onde ocorre o choque entre imaginários, resultando em um processo de aquisição de uma linguagem mestiça marcada pela tradicional imposição. Com Koch-Grünberg não foi diferente. Todavia, contrariando o rigor científico da descrição impessoal, assume-se um narrador consciente da realidade que o cerca, interpretando-a também a partir das sensações e emoções que poderiam decorrer de suas experiências.

Nesse aspecto, destacamos que essas experiências são resultantes da vivência em um lugar da região amazônica (a região circum-Roraima, compreendida entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana). E ainda que essa Amazônia grunbergiana seja diferente da Amazônia tal qual a concebida pelo imaginário em geral, tanto do europeu quanto do próprio habitante das Américas, trata-se de uma Amazônia de savanas e planaltos, mas ainda assim inóspita e exuberante.

O tempo passa uniforme e monotonamente. Estamos presos aqui como numa cadeia, isolados do resto do mundo. Essa longa época de chuvas, com sua inconsolável uniformidade, esses dias de chuva nublados, frios e úmidos, nos quais não se vê o sol, têm um efeito esmorecedor sobre o ânimo da gente. Há momentos em que nos desesperamos, em que pensamos que as coisas nunca mais serão diferentes. Quando, finalmente, seguiremos viagem? (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 293)

Por conta da chuva que o impede de seguir adiante, o viajante sente-se angustiado e esmorecido com o tempo que não passa. A ideia de chuva como provocadora de desânimo já é conhecida. A essa imagem, o narrador associa a descrição de elementos repletos de adjetivos, captando, como numa imagem fotográfica, a cena e os sentimentos deprimentes decorrentes de tão desesperadora situação.

O sentido da imagem poética alia-se às expectativas e tem o diferencial da novidade, aspectos que invadem os que se aproximam do texto para apreender o sentido das criações imaginárias. Assim construídas, as imagens oferecidas pelo narrador insinuam um envolvimento maior do leitor com as imagens poéticas escritas, levando-o a vivenciar os momentos experimentados pelo viajante.

Para a captação de instantes poéticos Koch-Grünberg também faz uso da fotografia, recurso que ele conhece muito bem, ainda que não necessariamente

utilizando a máquina fotográfica. Com o poder de isolar o objeto do mundo por meio de sua imobilização, como aponta Roland Barthes (1984), a imagem fotográfica captada com as estratégias da linguagem poética dá vida a esse mesmo objeto aos olhos do leitor/expectador. Usar a linguagem para que isso aconteça é uma forma de substituir a incapacidade que a máquina fotográfica tem de registrar um momento tão ímpar como as inesquecíveis cores do amanhecer do sol, por exemplo:

Esses amanheceres e nasceres do sol permanecerão inesquecíveis para mim. Através das elegantes miritis, que escondem o horizonte, vê-se o céu mudar do vermelho-escuro, passando pelo roxo, até chegar ao verde-esmeralda. Toda vez, lamento não poder fixar essa sinfonia de cores. Como a fotografia é insuficiente! (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 293)

Em outra ocasião, o viajante descreve a aventura enfrentada para conseguir fazer uma boa fotografia: “Pulo numa rocha que se ergue do fundo e me arrasto, então, de barriga, com cuidado, até encontrar o ponto adequado. Nessa posição um tanto perigosa, tiro as fotos. E, no entanto, como a fotografia reproduz mal esse quadro de colorido magnífico!” (2006, p. 106).

Mas não é só de imagens fotográficas da natureza que vive nosso viajante. No registro do outro, as imagens construídas revelam como o alemão, com o olhar oblíquo das lentes europeias, eterniza o índio em sua exótica estrangeiridade. Embevecidos e ingênuos, os índios ainda se oferecem como espetáculo, posando para as fotografias em cenários forjados e montados para a apreciação do público europeu, como nos exemplos citados no capítulo anterior e criticados por Regina Zilberman:

Sujeito de uma natureza ideal e expressão dela, o nativo é também uma das vítimas do processo de ocupação. Em razão disso, pode manter-se unicamente como imagem, cada vez mais difusa e evanescente, de um mundo primitivo, que desaparecia por efeito da ação dos mesmos que o idealizaram e a seu contorno. (1994, p. 88)

Seja a natureza ou o índio, o que se vê nessas imagens, fotografadas via máquina ou linguagem, é o clichê: “Mais uma vez confirmou-se o princípio empírico de que é mais difícil contentar um índio por um período de trabalho de cinco dias do que por um período de cinco meses. Ele não tem a menor idéia de como fazer contas, mas quer ver variedade, e o maior número possível de coisas”. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 262). Essa imagem generalizada do índio “desrealiza

completamente o mundo humano dos conflitos e dos desejos, sob o pretexto de ilustrá-lo” (BARTHES, 1984, p. 174).

Os rastros deixados pelas imagens poéticas no texto grunbergniano, além das intenções anteriormente apontadas, são reveladoras também das perigosas e tradicionais imagens estereotipadas projetadas sobre a Amazônia e sobre o Brasil desde os primeiros viajantes. A construção de imagens deformadas da realidade, repercutidas e reiteradas discurso após discurso, são resultantes de um olhar etnocêntrico.

A formação desse olhar etnocêntrico encontra explicação ao entender que é por meio de estudos de investigação histórica na perspectiva do imaginário cultural que é possível ampliar o conhecimento sobre como os europeus representaram a Amazônia e o Brasil. Podemos inferir, a partir daí, que o discurso presente no diário de Koch-Grünberg é também resultado da tradição de séculos passados, produto de representações mentais e concepções históricas há muito estabelecidas.

Nesse aspecto, entendemos que as imagens formuladas pelos primeiros viajantes que narraram a Amazônia são parte do desenvolvimento da humanidade e seu processo histórico e dialético. Dessa forma, são condicionamentos históricos de uma longa tradição da ação humana, e não simplesmente uma construção literária sem nenhum contexto.

Assim, encontramos indícios dessas imagens expressos em palavras e em temas influenciados pelas vicissitudes da história, responsáveis por sua formação, modificação e transformação, produto que são, como fenômeno social, da percepção individual da realidade e da imaginação criadora de um viajante, como Koch-Grünberg, por exemplo.

Realizando uma digressão a partir dos diferentes contextos em que se inserem os viajantes, originários de épocas variadas, percebemos que distintos propósitos moveram as viagens e despertaram a atenção de viajantes estrangeiros que participaram da história do Brasil de maneira determinante ao traçarem em seus relatos um desenho para a identidade nacional brasileira. De certa maneira, a visão europeizada das marcas constitutivas de nossa nacionalidade presente na literatura de viagem foi imprescindível para a constituição da imagem da terra e da gente brasileiras.

Embora os relatos de viagem tenham contribuído para o mito fundador do Brasil²², esta é uma construção que pode ser desconstruída. Dessa forma, estudar esses relatos possibilita avaliar se seu conhecimento sustentou o imaginário brasileiro do mito fundador, da visão de paraíso, da natureza pura tropical e até que ponto seus olhares contribuem para distinguir uma imagem estereotipada ou dicotomizada. Ou, também, até que ponto esse discurso influencia, ainda hoje, a produção literária de alguns escritores...

Os relatos produzidos a partir do olhar do estrangeiro construíram um legado de certa forma mitificador, criando uma imagem tão duradoura da Amazônia que tem conseguido sobreviver (e por que não prosperar?) até agora. Assim, essa reflexão sobre a literatura e a cultural regional realizada por escritores e intelectuais ajuda-nos entender como a criação de mitos e símbolos ajudaram a propalar discursos “retificadores” da imagem da região.

Entender isso deriva do fato de que os registros produzidos por viajantes, mesmo em diferentes períodos e lugares, contribuem para criar “mitos”, representações coletivas ainda em discussão e que, em certo sentido, ainda hoje se fazem presentes no imaginário social da região amazônica. Além disso, as narrativas de viagens são contadas por sujeitos que, ao elaborarem narrativas sobre um espaço, sugerem uma “descoberta” quando se deparam com um “novo” espaço, uma “nova” região, um “novo” lugar...

3.2 De alguns indícios do imaginário na formação da identidade nacional

Por trazer em seu bojo o maravilhoso e despertar o imaginário, embora “Tomando os paradigmas do pensamento científico do século XIX – abandono da ontologia e promoção da epistemologia – vemos que o discurso do viajante aproxima-se mais do texto literário, pois comporta os exercícios de reflexão, crítica ou ironia. (...)” (PAZ, 1996, p. 207).

²² Para Eni Puccinelli, “aí está a marca – discursiva, não conteudística – do discurso fundador: a construção do imaginário necessário para dar uma ‘cara’ a um país em formação; para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico”. O processo de construção e afirmação desse discurso “aproveita fragmentos do ritual já instalado – da ideologia já significativa – apoiando-se em ‘retalhos’ dele para instalar o novo” (1993, p. 13).

Especialmente nas narrativas dos primeiros viajantes, um aspecto recorrente é a presença do sobrenatural, do mágico, do encantamento. São os mitos da conquista que povoam essas narrativas do viajante-conquistador, levando-o a buscar lugares impossíveis de existir, a defrontar-se com seres lendários e mitológicos e a viver situações que fogem à racionalidade humana.

E sobre isso Margarida Pierini (1994) aponta a intenção de veracidade como uma das características essenciais de uma narrativa. Entretanto, o público leitor de um relato de viagem é também leitor de romances. O narrador de viagens, assim, acaba por adaptar seu relato ao estilo do gênero narrativo, entrecruzando realidade e ficção.

A princípio, o discurso seria a categoria mais ampla a que todo texto estaria subordinado, desfazendo, assim, as fronteiras entre o texto narrativo historiográfico (no caso, a narrativa de viagem) e o texto narrativo ficcional, embora um aponte para a univocidade (característica do texto científico) e outro para a equivocidade (característica do texto literário). Esse fato, entretanto, estabelece uma oposição radical entre os dois textos: o compromisso com a verdade assumido por um e o destaque à verossimilhança dado por outro.

No relato de Koch-Grünberg, o narrador registra os acontecimentos que julga serem verdadeiros, procurando, assim uma univocidade que impeça a construção de múltiplos sentidos por parte do leitor. Por outro lado, ao descrever sua versão dos fatos, o viajante carrega em sua bagagem todos os juízos de valor oriundos de seu lugar de origem, ponto de partida, formação, resultando em uma visão de mundo repleta de olhares traspassados por outros olhares. É possível deduzir, então, que esse fato não poderia resvalar senão em uma narração carregada por “representações” de uma realidade que se apresenta especificamente moldada para olhares próprios e distintos:

Na água que jorra, não sabemos onde pôr o pé. Muitas vezes escorregamos e damos com os pés, cheios de picadas de bicho-do-pé, entre as pedras, cujas bordas esfolam os tornozelos. As calças, pendendo em trapos, estão arregaçadas até os joelhos, e, mesmo assim, para deleite dos índios, às vezes tomamos um banho involuntário em pontos mais profundos; geralmente ficamos molhados até a cintura, coisa que, nas horas matinais, sob esse céu constantemente enevoado, não faz parte dos confortos da existência humana. Assim, cada etapa dessa viagem tem suas dificuldades e fadigas peculiares. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 225)

Uma viagem assim, com “dificuldades e fadigas peculiares” é capaz de provocar o surgimento de zonas de contato (PRATT, 1999, p. 31) que, por serem espaços de encontro com o Outro, levam o viajante a selecionar e ficcionalizar a realidade a partir dos elementos a ele transmitidos pela cultura dominante. Cabe à Literatura a árdua (e talvez impossível) tarefa de destacar o grau de literariedade e a polivalência significativa implícita de um texto considerado literário.

Tal como o viajante que já conhece e não teme a natureza hostil, ao considerar a natureza da literatura de viagem, é preciso levar em conta as nuances e tensões entre o estatuto da ficção e a representação do real quanto à sua constituição enquanto gênero e sua relação com a realidade. Para que isso seja efetivado, Iser recomenda romper com “o saber tácito [...] que opõe realidade e ficção” (1996. p. 13).

De certa forma, Koch-Grünberg, acampado à beira de um lago, tem consciência dos limites imperceptíveis entre a realidade e a ficção no relato que constrói: “Milhões de vaga-lumes grandes piscam no escuro como diamantes voadores. Mas inúmeros mosquitos também cuidam para que não nos percamos totalmente em ilusões” (2006, p. 48).

No entender do viajante, as picadas dos mosquitos serviram para trazê-lo de volta à razão e à realidade, caso enveredasse pelo caminho da imaginação. Luiz Costa Lima (1989, p. 61) afirma que “só conseguimos entrar em comunicação com o ficcional quando aprendemos a vê-lo como um todo que reclama o nosso imaginário”.

Como diversos foram os motivos da viagem, o relato que se faz desse processo acaba por inserir-se no universo do imaginário – ponte entre as fronteiras da realidade e da ficção, mutuamente constituídas, determinadas, interdependentes, complementares e, principalmente, intercambiáveis, apesar de paradoxalmente opostas. É nesse aspecto que Koch-Grünberg, angustiado com a impossibilidade de seguir até o Orinoco, observa, em certa ocasião, o sogro de Manduca consultar o oráculo sobre a continuação da viagem e se sente bem, embora sendo doutor, e exclama: “Do que a imaginação é capaz!” (2006, p. 333).

Essa ponte estabelecida pelo imaginário é, na visão de Iser, realizada através de atos de fingir, responsáveis pela transgressão dos limites do próprio imaginário, da realidade e da ficção. Assim, “se o fingir não pode ser deduzido da realidade

repetida, nele então surge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto” (2002, p. 958).

Essa visão é compartilhada por Costa Lima, para quem “no cotidiano, a ficção é sinônimo de embuste, fabricação, falsidade, fantasia ou fingimento. É só na experiência literária que ela encontra o *desideratum* necessário ao processo da *mimesis*” (1989, p. 69). Em sua definição do que é o texto ficcional, o autor o distingue do texto teórico, criando, entretanto, categorias qualificadoras para o primeiro:

Dentro dos padrões da modernidade, para que uma obra seja reconhecida como ficcional é preciso que, sobre ser formada por „quase enunciados“ – i.e., enunciados sobre os quais não é cabível a decisão de ser verdadeiros ou falsos – estes choquem as expectativas do receptor, senão mesmo as irrite. (COSTA LIMA, 1989, p. 259)

Mas será que estes critérios de qualidade, ao romperem as expectativas do receptor, são adequados para medir o grau de ficcionalidade desses textos e de uma narrativa de viagem, por exemplo? Sem mencionar que muitos outros textos tradicionalmente considerados literários seriam excluídos dessa classificação. O que pensar a respeito do teor dos relatos, cuja temática por si só encontra-se impregnada de mistério e somente o imaginário pode descrever?

O enredo do relato produzido a partir daí não poderia resultar em outro se não um extremamente marcado pela ficcionalidade, produto que é da relação entre um mundo referencial e mundos alternativos sensoriais, e pela criação de um novo tipo de verossimilhança, pretensamente arraigado ao real enquanto real, embora dependente do olhar do sujeito que narra e, portanto, ficcional.

Analisando o narrador, Walter Benjamin assevera que ele “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1994, p. 201). Nesse aspecto, na despedida de Koch-Grünberg em Manaus, as últimas anotações em seu diário fazem referência a Romeu, o Wapixana que “Não vai se esquecer de seu amigo, o ‘doutor’, e vai contar para seus filhos e os filhos de seus filhos, até o fim de seus dias, a nossa viagem [...]” (2006, p. 374). E podemos imaginar os relatos que surgirão a partir desse novo olhar...

Entretanto, esses novos e futuros olhares já nascem marcados, tendo em vista alguns transtornos de percepção da realidade e da ficção que as narrativas dos

primeiros viajantes produziram, e é por conta disto que “convive, durante muito tempo, construções míticas e paradisíacas que jogam o selvagem para uma idade de ouro perdida no tempo” (NAXARA, 2004, p. 43). Essa convivência é desenvolvida na narrativa (com seu poder de reunir uma imensa tradição em seu desenvolvimento) através do *mythos*, um enredo que pode ser transmitido e que conduz à apreensão do real (SCHOLES; KELLOGG, 1977, p. 7).

Conforme André Siganos (2002, p. 154), um mito é a “totalidade dos discursos proferidos de maneira insistente acerca de um lugar, de uma personagem, até de um objeto, muito além de sua verdadeira existência”. No caso do “mito amazônico”, o autor chama a atenção para o fato de que esta “é obviamente uma expressão alusiva e temos de tomar consciência de que ela designa *um aglomerado de discursos abundantemente proferidos sobre a Amazônia*, inclusive até os lugares-comuns ou clichês” (SIGANOS, p. 154, grifos do autor).

Considerando a Amazônia como “uma das pátrias do mito”, Márcio Souza (1977, p. 39) assevera que “As narrativas dos primeiros viajantes imitaram essa perplexidade e, como representação – quer fossem uma lição ou necessidade –, ofereciam ao mundo uma nova cosmogonia” (2009, p. 87). Ainda, esses relatos sobre a Amazônia revestem-se de maior importância ao se considerar que:

Foram esses relatos que serviram, posteriormente, em grande parte, para a orientação, classificação e interpretação da região como literatura e ciência; foram eles, perscrutadores do fantástico e do maravilhoso, que permitiram o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, anunciando a futura expressão do enigma regional numa peculiar escritura. (SOUZA, 2009, p. 87).

Ao lançar um olhar inicial sobre as identidades regionais, deve-se fundamentalmente levar em conta a formação da identidade nacional, tendo em vista que, em certa medida, ela foi formulada a partir da costura das diferentes identidades regionais. Vale ressaltar que em qualquer parte do mundo a formação de uma identidade nacional visou em primeiro lugar a um projeto político. Na literatura, isso significava a legitimação de algumas obras e autores em detrimento de outras, não identificados como “transmissores” da cor local.

Conforme estudos empreendidos por Regina Zilberman (1999), o principal critério para julgar o pertencimento de uma obra ao seletivo conjunto da literatura brasileira foi o da nacionalidade ou cor local. Isso porque, segundo a autora,

“quando a cor local se confunde com uma nação, ela particulariza a essa última, alargando a importância do conteúdo da expressão” (1999, p. 27).

Portanto, era a literatura que conferia ao país o estatuto de nação, juntamente com os países civilizados e progressistas da Europa pós-revolucionária do séc. XIX. Para Márcia Naxara (2004, p. 43), “a partir de um ponto de vista eurocêntrico, a cultura européia, civilizada, passou a ser pensada em contraposição ao universo que se abria a visões mais ou menos verossímeis e a construção míticas dos selvagens, habitantes exóticos dos mundos coloniais recém-conhecidos”.

Refletindo sobre os aspectos culturais da literatura produzida na América Latina, Ángel Rama afirma que a “literatura produz um discurso sobre o mundo, porém esse discurso não passa a integrar o mundo, mas a cultura da sociedade, tornando-se parte da vasta malha simbólica mediante a qual os homens conhecem e operam o mundo” (2008, p. 121). Esse discurso, elaborado a partir de fundamentos ideológicos, designam a cosmovisão, propagadora de novos princípios simbólicos e, ao mesmo tempo, originária de discursos anteriores. Por se ver representado no “imaginário social”, resulta em contradições que evidenciam a correlação existente entre o discurso literário e outros discursos paralelos pertencentes ao campo simbólico da cultura.

Essa reflexão do crítico uruguaio nos leva em direção às postulações elaboradas pelo professor José Luís Jobim (2008) ao apontar a ‘cor local’ como integrante do processo de elaboração da nacionalidade, especialmente a americana, baseando-se, para tanto, em uma dimensão espacial e uma dimensão política, isto é, em um território e um Estado-nação respectivamente. Entre diversas outras ações citadas pelo autor para esse processo, ele aponta a elaboração de um “sistema de referências da nacionalidade – incluindo determinado universo de temas, interesses, termos, etc. –, tanto estabelecendo-se um limite dentro do qual o campo de enunciação literária circunscrevia quanto recriando-se o passado sob uma nova ótica” (2008, p. 97).

O regionalismo, nesse contexto, constitui-se numa tendência representativa da literatura brasileira, voltado para uma cor local, o que, em determinados momentos, foi expresso até com excessos. Trouxe, mesmo assim, do espaço representado, uma constante, o lugar de sua enunciação, um lugar “sempre fonte de pré-concepções que, de alguma maneira, contribuem para a elaboração do nosso dizer, pois nele se situa o sistema de referências desse dizer [...], sistema que

sempre já estabelece um limite dentro do qual nosso campo de enunciação se circunscreve” (JOBIM, 2005, p. 42).

Flora Süssekind (1990) defende que o paradigma de relato-viagem com o qual dialogaram nossos ficcionistas e historiadores românticos não era o dos aventureiros, mas sim aqueles minuciosos inventários de naturalistas. Esses relatos de viagem alimentaram o imaginário da identidade brasileira, forneceram material para nossos mitos fundadores e tornaram-se uma fonte preciosa de imagens para a prosa ficcional romântica. Um indício desse farto material é encontrado no seguinte trecho **Do Roraima ao Orinoco**:

Gritando selvagememente “haí-haí-haí”, algumas velhas saem pulando da casa do chefe, com grandes cuias cheias de caxiri nas mãos, e pulam para lá e para cá, dobrando os joelhos, em frente aos dançarinos. Um quadro impressionante! Essas figuras magníficas e nuas de homens e mulheres com seus movimentos uniformes, ao fundo os rochedos do Roraima, envoltos por pesadas nuvens de trovoada. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 120).

Os elementos da cena descrita integram um quadro pintado para o público europeu e adaptado até os dias de hoje. O perfil delineado por uma cena como essa percorre uma variedade de assuntos, criando uma imagem identitária da Amazônia que se estabelece por intermédio dos relatos dos viajantes e que se encontra incorporado no imaginário coletivo nacional e estrangeiro, sendo o resultado do seu contexto histórico e de inúmeros discursos que se reiteraram em criar a sua identidade, em dar ao país a sua “cor local”.

É possível dizer, para tanto, que o processo de formação da identidade brasileira, através da literatura, passou, inicialmente, pelo desejo de ruptura com os modelos europeus, o que não se concretizou, num primeiro momento, em termos formais, restando aos temas, à cor local, essa tarefa: “Sin embargo, la atmósfera vital y cultural del romanticismo no deja de hacerse presente. Por ejemplo, a través del interés por pintar las manifestaciones costumbristas, el ‘color local’ de las tierras visitadas” (PIERINI, 1994, p. 177).

É essa visão, aparentemente distorcida sobre o regionalismo na literatura, que me conduz novamente em busca de identidades reais e imaginadas na narrativa de Koch-Grünberg, como a do estrangeiro que consegue escapar das investidas de uma Índia:

Ao cair da noite, Schmidt e eu nos despedimos, apesar dos convites entusiasmados para dançarmos até de manhã; esses convites têm um claro apelo erótico. Especialmente minha “amai”, uma dama muito resoluta, que animava seguidamente nossa dança gritando selvagememente “hai-hai!”, chegando uma vez a dançar conosco, não quer desistir e me assegura repetidamente que suas filhas ficariam muito contentes se eu ficasse. Mas sou inflexível e me livro do seu canto de sereia. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 120).

Em suma, o que se pode perceber ainda é sua posição de sujeito classificador que, à sua maneira, traça as linhas que distinguem as tribos indígenas habitantes na região que vai do Roraima ao Orinoco, repetindo e criando uma imagem da natureza tropical como histórica miragem baseada na constituição de uma representação do “ser amazônico” e ao mesmo tempo “ser brasileiro”.

3.3 Da apropriação e recriação do simbólico nos discursos sobre a Amazônia

As primeiras imagens do Brasil e da América Latina estão presentes nos relatos de viagens dos “descobridores” do século XV e dos cronistas e naturalistas, dos séculos XVI e XVIII. Tais viajantes tiveram como guia um olhar orientado pelas suas culturas de origem, por um mundo conhecido e distinto da realidade encontrada, assim o diferente foi visto como o outro, o monstruoso, o inferior, o exótico. O olhar destes primeiros viajantes chamou para si o dever de revelar, descrever, nomear e inventar as imagens “reais” de um Novo Mundo, nos trópicos.

Desde a “descoberta” do Brasil, por possuir características geográficas e étnicas tão distintas, o território brasileiro provoca um deslumbramento em viajantes do “novo mundo”, principalmente cientistas e aventureiros europeus, que transformam suas aventuras, observações e experiências em relatos que são recebidos com extrema curiosidade pelo mundo. Além do estudo da natureza, os viajantes registraram a vida social das épocas em que aqui estiveram, influenciando grandemente as interpretações do país desde então.

Um dos textos fundadores responsáveis por essas interpretações é a **Carta** de Pero Vaz de Caminha, publicada por volta de 1817, que constrói o imaginário do Brasil como terra paradisíaca, exótica, rica e perigosa, habitada por índios e com uma enorme variedade de plantas e animais. Além de integrar-se ao desejo dos escritores brasileiros em criar a identidade nacional através das artes e, sobretudo,

da Literatura, a **Carta** contribui para a manutenção desses estereótipos até os dias atuais, pois com sua publicação o imaginário coletivo é alimentado com a situação histórica do final do século XVI, cujas imagens ganham novos significados com o passar do tempo.

No caso da Amazônia, essas interpretações adquirem caráter muito mais complexo, tendo em vista que, durante séculos, esse imenso território e seus habitantes foram (e ainda são) vistos como objetos de exploração, considerado por muitos como um lugar enigmático e paradisíaco, além de perigoso e sedutor, características da visão de paraíso ainda reinante:

Uma magnífica noite estrelada. A lua lança sua luz pálida sobre mim, o que dá uma tristeza danada nesta solidão selvagem. Estou deitado sem sono na rede, pensando em como devo organizar as coisas da melhor maneira para chegar a um bom termo. O ano velho está terminando. O que o novo nos trará? (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 188)

De extrema beleza poética, essa imagem, poeticamente adjetivada, pinta um quadro (ou fotografa uma cena) análogo às imagens por ele formuladas a partir de sua leitura de relatos de viajantes. Desse modo, o futuro leitor de suas observações igualmente será levado a visualizar uma cena em que “luz pálida”, “tristeza danada” e “solidão selvagem” também provocam a instigação ao pensamento, o despertar da imaginação, o discurso aberto ao diálogo, à descontinuidade.

Por outro lado, inferimos que ele registra essa cena pautado no imaginário construído sobre a exótica Amazônia por um viajante como Colombo. E também é nesse paraíso de “magnífica noite estrelada” que, conforme Sérgio Buarque Holanda, “Colombo divisava as suas Índias e as pintava, ora segundo os modelos edênicos provindos [...] de esquemas literários, ora segundo os próprios termos que tinham servido aos poetas gregos e romanos para exaltar a idade feliz, posta no começo dos tempos” (1996, p. 185).

Nesse sentido, justifica-se a obsessão pela Amazônia, onde a selva apresenta-se como um manancial inesgotável e onde ocorre o choque entre imaginários, resultando em um processo de aquisição de uma linguagem mestiça marcada pela tradicional imposição:

A selva é o espaço onde os apelos se confrontam incessantemente e onde o vivido é convidado a se superar para poder ir além. O que seduz, porém, é também o que vai repelir. Cada imaginário se preenche com os limites de

sua própria ansiedade. Ao tentar conquistar o desconhecido compreende-se uma oportunidade de domar o seu próprio imaginário. (J. CARVALHO, 2001, p. 49)

Assim, a Amazônia constrói sua identidade a partir dos fragmentos deixados pelo encontro de vozes, e cujo batismo rendeu ao imaginário europeu a possibilidade de sobrepor os seus signos aos signos nativos, detendo o monopólio de explicação e relegando o outro a um papel passivo no curso da história:

A América transforma-se em *cópia*, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da *origem*, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização. (SANTIAGO, 2000, p. 14)

Igualmente, a imagem que o viajante constrói da Amazônia é uma forma de encontrar as respostas para os mistérios selváticos, necessitando, para isso, reviver (mesmo de forma inconsciente) os passos dos antecessores com o intuito de reconstruir uma outra imagem que possa dar conta de sua própria impotência de lidar com o meio. Sob a perspectiva do viajante, apesar da sua boa vontade, novas formas de descrever o exótico são realizadas com base nas antigas.

Em suas ‘descobertas’ sobre os índios bravos, Koch-Grünberg pressupõe que “O fato de esses índios tentarem repetidamente relacionar-se de modo pacífico com a civilização prova que não são os canibais ferozes que têm a fama de ser” (2006, p. 32). Isso nos leva a refletir com José Carvalho que “todo o imaginário americano é plasmado nesse deslocamento furioso do desejo, que se vê amenizado, ou sublimado, com uma nomeação obediente às urgências metafóricas. [...]Chega-se a um momento em que não se sabe o quê reflete o quê” (2001, p. 77).

Como outros viajantes, a narrativa de Koch-Grünberg, com estilo particular, produz discursos diferentes e retificadores da imagem da região a partir de uma pseudo matriz original. Como os mitos, essa construção imagética acaba gerando diversas classes simbólicas. Essa discussão é levantada no ensaio “Lendas e mitos da Amazônia”, de Maria do Socorro Simões, para quem

o narrador, ao contar o mito, insere-se ele mesmo numa linhagem tradicional e institucionalizada de “o contador de histórias” que, por sua vez, legitima a performance. Ao mesmo tempo, esse mesmo narrador introduz as marcas de sua individualidade, que é única e irrepetível. Na realidade,

cada nova performance é uma espécie de recontar/recriar, que traz os sinais do engenho artístico de cada narrador. (2010, s/p).

Ao procurar desenvolver uma racionalidade sócio-histórica universalizante, propagada pelo seu mundo intelectual, Koch-Grünberg transforma as experiências vividas e vistas entre os índios em algo compatível a suas estratégias discursivas e não-discursivas. Ademais, sua racionalidade científica dramatiza as relações entre ele (europeu) e o outro (o índio), articulando as figuras de nosso imaginário, como a natureza e o índio:

Enquanto cumprem com seu dever, não me preocupo com os humores deles, que mudam como o céu num dia de abril. No fundo, eles todos, com exceção talvez do Majonggóng, são de grande bondade e companheiros fiéis. Já no almoço seu humor está mudado. No caminho pescamos vários peixes, dos quais o rio fervilha. Há comida borbulhando e cozinhando em três fogueiras. Comemos abundantemente. Pessoas satisfeitas não são dadas à rebelião. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 188).

Com exemplos assim, é possível perceber o significativo impacto dessa literatura descritiva (de viagem) sobre a literatura de ficção brasileira, cujo discurso literário passou, já no século XVIII, a proclamar a necessidade de criar uma Literatura Brasileira com marcas peculiares diferenciadoras da literatura do viajante. Para tanto, buscou a cor local como orientação, fazendo da natureza, do índio (o bom selvagem) e da mistura cultural das três raças que teriam originado o brasileiro (branco, índio e negro) o tripé identitário de uma nação.

Para Regina Zilberman, a “América já existia na imaginação europeia antes de ser descoberta” (1994, p. 9), e resquícios oriundos desse imaginário são encontrados no diário de Koch-Grünberg, embora ele busque traduzir seu esforço intelectual pela afirmação de uma nova unidade cultural, com base na cultura ocidental. Ao dimensionar seu conhecimento pautado em padrões científicos, procura fazer com que as noções de verdade sejam os fundamentos de seu discurso, numa concepção mítica do conhecimento.

No afã de obter o conhecimento universal, é como se Koch-Grünberg necessitasse transformar tudo o que viu, sentiu e ouviu na sua experiência de campo em documentos para então decifrar os rastros deixados pelo índio e compreendê-lo em sua totalidade. Para fazer isso, numa proposta científica, ele isola, classifica e organiza as experiências com a raça morena, devolvendo-lhes um novo sentido, já marcado por sua consciência histórica e “imperial” (para lembrar

Mary Louise Pratt). Por ser totalizante, sua compreensão científica e objetiva prevê, por exemplo, o “inevitável fim da raça morena”.

Ao pensar, como Zilberman, na existência de um imaginário europeu sobre a Amazônia muito antes de sua descoberta, lembramos nesse ponto da lendária Atlântida que desaparece juntamente com sua avançada cultura e que seria a origem do povoamento da América. Esse imaginário europeu repercute, por assim dizer, no discurso de Koch-Grünberg e sua predição de que, tais quais os atlantes, os índios amazônicos também desaparecerão, como a sensação de “uma pobre alma que se separa do corpo e desaparece na eternidade”.

Ao construir essa metáfora, o sentido dessa imagem alia-se às expectativas do leitor ao mesmo tempo em que tem o diferencial da novidade, aspectos que invadem os que se aproximam do texto para apreender o sentido das criações imaginárias. Imagens assim construídas pelo narrador sugerem que é preciso levar o leitor a envolver-se e a crer nas imagens poéticas escritas, exigindo a entrega ao devaneio – ao devaneio poético, não a qualquer devaneio. A intenção é que, diante das imagens oferecidas pelo narrador, o leitor seja impulsionado a também concordar com o viajante que, do alto de seu conhecimento científico, vaticina o desaparecimento dos índios, não o físico, mas o desaparecimento como “raça morena” que perde sua “cultura interior” em contato com a cultura dos brancos.

Esse vaticínio é um indício claro de que o imaginário europeu de certa forma já previa o choque com outras culturas (ainda existentes ou não), antecipando o desaparecimento dessas para a o prevalecimento da sua. Isso está representado na sensação descrita pelo narrador, ao triste som das flautas, de uma alma que desaparece na eternidade. No diário de Koch-Grünberg, construído em bases de extrema subjetividade, talvez seja essa ainda a intenção: usar uma linguagem poética que sensibilize o leitor e o leve a crer no discurso por ele proferido, seja o discurso real ou ficcional.

DO 'FIM' DA VIAGEM...

Por hora, a viagem chega ao fim. Embora reconheça que o recorte feito tenha sido bastante limitado e, talvez essas impressões tenham sido prematuras, a primeira consideração a fazer, do ponto de vista de um relato de viagem, é o modo reflexivo e problematizador de concepções como o real, o ficcional e o poético presentes na narrativa do alemão Theodor Koch-Grünberg. Pelo caráter simbólico de cada uma delas, essas concepções são sempre plurais e abertas a variadas reconstruções.

Isso posto, e considerando a instabilidade das rotas percorridas, sabemos que em pouco tempo será preciso empreender essa viagem novamente, já com outra e maior bagagem. De antemão, algumas outras considerações podem ser feitas a propósito do possível fim de nossa empreitada. Uma delas é de que esta viagem e a discussão aqui entabulada não comportam conclusões no sentido da sistematização e da síntese. Ao contrário, as considerações aqui feitas serão como simples reflexão sobre alguns aspectos discutidos em nosso texto.

Já na primeira rota, foi possível perceber o caráter fluido da caminhada que ora se iniciava ao nos referirmos aos aspectos do real na narrativa de Koch-Grünberg. No roteiro, trilhas acidentadas e curvas acentuadas e perigosas onde a viagem, o viajante, o relato de viagem e um historiador se encontraram. Nesse ponto, observamos que a viagem configura-se como um deslocamento no espaço, no tempo e na hierarquia social (LÉVI-STRAUSS, 1998), isso quer dizer que ela tem uma implicação direta da experiência vivenciada pelo viajante com o novo e o diferente.

Essa experiência é construída tendo como alicerce o espaço, o tempo e o *ethos* do viajante (o discurso pelo qual ele se apresenta ao mundo). A partir desses pilares, o viajante revela-se diferente por tentar traduzir uma cultura estranha para os referenciais culturais compartilhados por ele. Como ele é diferente do que vê, e sua experiência também está localizada em um tempo, o viajante se transforma ao absorver o novo.

Essa autotransformação (aqui compreendida como um acúmulo prático de saber) provoca também alteração no *ethos* do viajante e, nesse ponto, o destinatário é um outro ponto a se levar em conta na interpretação do relato de viagem. Essa

compreensão é importante porque o viajante escreve tendo como objetivo atingir o público de sua própria cultura, pretendendo ser lido por um leitor que vai compartilhar as referências culturais que se pareçam com as suas. Ao tentar traduzir uma cultura para outra, revelando algumas curiosidades para tornar o leitor mais culto, podemos pensar, nesse aspecto, na função teológica do relato.

Tendo lido e estudado desde jovem relatos de viagem sobre a América e o índio, Koch-Grünberg não poderia deixar de carregar consigo o resultado provocado por essas leituras. Embora cientista, homem do início do século XX, defensor de uma nova e diversa forma de entendimento do outro, as considerações elaboradas no contato com a mesma natureza e índio amazônicos dos relatos que havia lido revelaram a (en)formação de seu olhar europeu etnocêntrico.

Com a leitura de **A invenção da Amazônia**, de Neide Gondim, entendemos que isso ocorre porque as primeiras imagens da Amazônia construídas pelos primeiros viajantes serviram de matéria-prima, fundamentando “as deduções teóricas e, inversamente, estas servem de estofos aos sucessores, cujo estoque de informações impedem e/ou inibem a apreensão da variedade, da multiplicidade, da diferença, em suma, caem na cegueira da confirmação de verdades científicas” (1994, p. 14).

Sob a perspectiva do paradigma indiciário de Ginzburg, percebemos como o texto de Koch-Grünberg apresenta traços herdeiros da formação do imaginário sobre a Amazônia e usa como referenciais os rastros e os testemunhos de viajantes anteriores a ele. De outro modo, em Koch-Grünberg o reconhecimento das coisas vistas e sentidas na sua viagem do Roraima ao Orinoco também passou pelo crivo da “verossimilhança”, procurando legitimar seu discurso por meio de comparações, justaposições, efeitos de coincidência, novidade, dessemelhança entre outras formas de avaliação do que sua pesquisa pretendia alcançar.

E isso nos levou à nossa segunda rota, em que os aspectos ficcionais no diário do etnógrafo alemão foram apontados sob a ótica de elementos inerentes à sua postura de narrador e como, em sua prática discursiva, narrou seu encontro e construiu ideias sobre o índio e o lugar pesquisado. Em seu lugar de cientista, fez observações que, no dizer de Paulo Santilli e Nádia Farage, ao introduzirem o volume I de sua obra, oscilam “entre uma bagagem teórica racista e um ideário político liberal” (p. 16).

Isso nos leva a crer que seus posicionamentos fornecem, por assim dizer, as condições de veracidade daquilo que viu e relatou, conferindo às experiências valores de “verdades”, “exótico”, “estranheza”, “singularidades”, “monstruosidades”. Entretanto, a presença desses discursos não desfaz sua intenção de dar destaque e ênfase ao caráter “científico” do relato, priorizando a prática e o modo de observar. De certa forma, isso coloca em jogo a verdade e a falsidade do dizer, em que esses valores comprovam a verdade do que está sendo relatado ou entram em choque com a evidência não falseável do visto.

Diante disso, podemos inferir que a narrativa de Koch-Grünberg, embora insista em sua intencionalidade informativa e utilitária, passa a se cobrir com o imperceptível véu da ficção, apresentando indícios de valores estéticos que a aproxima do texto literário. Desse modo, sendo a linguagem elemento que constitui o ser, isso justifica sua prática discursiva oscilante capaz de projetar, no universo ficcional, sua figura de cientista e sua busca obsessiva em registrar sua investigação. Por outro lado, sendo um estrangeiro em viagem, só a sua irreduzível diferença é capaz de produzir significado ao indizível, conduzindo a narrativa para o limite do irrepresentável.

Desse modo, seus registros, embora procurem a objetividade, são mediados pela emoção, e é assim que observamos na narrativa de Koch-Grünberg diversos aspectos que remetem à natureza literária. Além disso, é interessante destacar que entre sua viagem e a de outros viajantes, não obstante tenham tido objetivos diversos, há um denominador comum que é o olhar de alteridade do viajante sobre as gentes e sobre os espaços. E nesse ponto, o modo de perceber os lugares e o outro, produto que é de olhares específicos, só pode ser subjetivo.

Em contato com a natureza, o narrador perde a razão, fica sem palavras para descrever o que vê, já que a linguagem escrita é incapaz de dar conta dessa tradução e de reproduzir sentimentos e ideias. E, nesse sentido, a narrativa de viagem passa a ser, em primazia, a narrativa das transformações, e isso significa dizer que o novo, para ser apropriado, necessita ser traduzido, o que envolve modificações e transferências de valores de uma cultura para outra.

Seguindo adiante, nossa última rota, influenciada pelo indiciarismo ginzburgniano, foi em busca de resquícios de natureza poética no discurso de Koch-Grünberg. Para tanto, refletimos, como a pesquisadora chilena Ana Pizarro, que “conhecer a Amazônia é uma maneira de apropriá-la para o continente que a olhou

sem enxergá-la” (2006, p. 101). Partimos do princípio de que é principalmente por meio de imagens, narrativas e relatos de viagens que o imaginário de um lugar é expresso, constituindo ao longo dos séculos uma vasta literatura de viagem.

Essa apropriação torna-se interessante a fim de compreender os elementos que contribuíram para criar e difundir diferentes “versões” das identidades locais, como também para perpetuar estereótipos e imagens definidoras da “autenticidade” dos lugares visitados. O relato de viagem, desse modo, inventa formas de representação com o uso e manipulação de símbolos, objetivando criar, reforçar e afirmar imagens e cenários.

Essa informação é reforçada ao pensarmos que, até meados do século XIX, os relatos de viagem permanecem como uma das poucas fontes de conhecimentos sobre o Brasil, daí que a influência deles na composição do imaginário sobre o país adquire maior proporção.

Em sua viagem de caráter científico e antropológico, o viajante Theodor Koch-Grünberg vai um pouco mais além. Independente do motivo ou a origem da imagem primeira, o alemão narra sua viagem entre os índios em um texto composto de sinais, pistas e indícios que propiciam múltiplas leituras ou múltiplos olhares acerca desse lugar chamado Amazônia, fazendo-nos capaz de nos embrenharmos, mesmo que apenas superficialmente, no horizonte do seu possível imaginário, resultante do contato travado com os paradigmas de pensamento, crenças e valores de seu tempo e lugar, assim como pelo embate entre estes arquétipos e sua experiência como pesquisador representante da *Völkerkunde* alemã.

As representações engendradas na construção de seu relato sobre a vivência com o mundo e o índio amazônico revelam os contornos dos sentidos que construiu, além de trazer as marcas do seu olhar plural e, ao mesmo tempo, singular. Ao construir imagens do visto, ouvido e sentido a partir de suas sensações pessoais, a linguagem usada em sua narração não tem como ser outra senão uma erigida em bases poéticas, tão vagas e difusas como a imensidão das savanas em sua “angustiante tristeza”...

Chegando ao ponto final de nossa viagem, questionamo-nos sobre o que a experiência da viagem e o viajante em suas dimensões plural e singular podem oferecer à construção da narrativa de Theodor Koch-Grünberg. E encontramos a resposta na ideia de deslocamento inerente ao seu texto enquanto prática discursiva. Não tanto o deslocar-se geograficamente, mas o deslizar-se em direção

a um discurso que revele o esforço por ele empreendido de captar as verdades ainda a serem descobertas sobre os índios da região circum-Roraima.

Sob esse ponto de vista, entender como Koch-Grünberg narrou essa Amazônia especificamente leva-nos, invariavelmente, a refletir sobre as posições assumidas por ele ao construir um texto, sejam elas a de cientista, pesquisador, etnógrafo, viajante, estrangeiro e narrador. Unificadas em um só personagem, o ‘homem’ Koch-Grünberg, elas buscam traduzir seu esforço em sair do centro para entender o que o outro tinha a dizer. Dadas as dimensões culturais diferentes em que ele e o outro se encontravam, o entendimento só podia ser revelado em uma viagem com passagem pelas trilhas do real, do ficcional e do poético.

O resultado dessa viagem? Um texto repleto de indícios e resquícios de um discurso erigido em bases tão problemáticas quanto a própria proposta do projeto etnográfico do qual ele fazia parte. Entretanto, ainda assim, narrou uma Amazônia e, ao som das tristes e rítmicas melodias das flautas indígenas, previu o “inevitável fim da raça morena”.

E lá se vão 100 anos...

DAS FONTES CONSULTADAS

AUGUSTIN, Günther. **Literatura de Viagem na época de Dom João VI**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. Trad. Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Zilá. **Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2007.

CARVALHO, Fábio Almeida de. Makunaima/Makunaíma, antes de Macunaíma. **Revista Crioula**, São Paulo, USP, n. 5, maio 2009. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/05/Artigos%20e%20Ensaios%20-%20Fabio%20Carvalho.pdf>>. Acesso em 18 ago 2012.

_____. **Makunaima/Makunaíma**. Contribuições para o estudo de um herói transcultural. Tese de Doutorado. 2012. No prelo.

CARVALHO, José Carlos. **Amazônia revisitada: de Carvajal a Márcio Souza**. São José do Rio Preto, 2001. 280 p. Tese (Doutorado em Teoria Literária)- Curso de Pós-graduação em Letras. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens**. Lisboa: Cosmos, 1999.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. **Revista de Antropologia**. Vol. 48 n. 2 São Paulo Jul/Dez 2005.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: _____. **Mitos, emblemas e sinais** - morfologia e História. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

IANNI, Octávio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

_____. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. *In*: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JOBIM, José Luís. **Formas da Teoria**. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

_____. O lugar na história da literatura. **Desenredo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, jan.-jul. 2005, v. 1, n. 1, pp. 41-52.

_____. Trocas e Transferências Literárias e Culturais: do nacional aos blocos transnacionais. *In*: JOBIM, José Luís. (org.). **Trocas e Transferências Culturais**: escritores e intelectuais nas Américas. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: De Letra, 2008.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco** – Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913, Vol. I. Trad. Cristina Camargo Alberts-Franco. São Paulo: Unesp/Instituto Martius-Staden, 2006.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Trad. Rosa Ferreira d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário**: razão e imaginação nos Tempos Modernos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Meditação e devaneio: entre o rio e a floresta. **Somanlu**. Revista de Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, ano 3, n. 1/2, jan./dez. 2003, p. 23-33.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: EdUNB, 2004.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma sociologia dos viajantes. *In*: _____ (Org.) **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero/Ed. UFRJ, 1987, p. 90-93.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: Poética da Geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PAZ, Francisco Moraes. **Na Poética da História**: a Realização da Utopia Nacional Oitocentista. Curitiba: EdUFPR, 1996.

PIERINI, Margarita. La mirada y el discurso: la literatura de viajes. *In*: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina**: Palavra, Literatura e Cultura. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. Volume 2 – Emancipação do Discurso.

PIZARRO, Ana. **O sul e os trópicos**: ensaios de cultura latino-americana. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói-RJ: EdUFF, 2006.

POE, Edgar Allan. A Filosofia da Composição. *In*: _____. **Poemas e Ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999.

PRATT, Mary Louise. **Olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: Unesp, 1999.

PUCCINELLI, Eni Orlandi (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

RAMA, Ángel. **Literatura, cultura e Sociedade na América Latina**. Org. Pablo Rocca. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHOLES, R., KELLOGG, R. **A natureza da narrativa**. Trad. Gert Meyer. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1977.

SIGANOS, André. O mito amazônico: algumas preocupações teóricas e operacionais. **Leituras da Amazônia**: Revista Internacional de Arte e Cultura. Ano II, n. 2, jan.-dez. 2000. Manaus: Valer, 2002.

SIMÕES, Maria do Socorro Perpétuo. Lendas e mitos da Amazônia. **Revista Litteris Literatura**, Rio de Janeiro, UFF, n. 5, julho de 2010. Disponível em <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/lendasemito_sMariadosocorro.pdf>. Acesso em 06 jun 2012.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

_____. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América Latina**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. A viagem e seu relato. **Revista Brasileira de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan./jun. 2006a.

_____. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006b.

ZILBERMAN, Regina. História da Literatura e Identidades Regionais. *In*: JOBIM, José Luiz (org.). **Literatura e Identidades**. Rio de Janeiro: J.L.J.S. Fonseca, 1999.

_____. **A terra em que nasceste**: imagens do Brasil na Literatura. Porto Alegre: UFRGS, 1994.